



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 2078/15	DATA: 15/10/2015	
LOCAL: Auditório Freitas Nobre - Anexo IV	INÍCIO: 09h59min	TÉRMINO: 12h06min	PÁGINAS: 48

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
MARCO AURÉLIO CUNHA- Coordenador de Futebol Feminino da Confederação Brasileira de Futebol - CBF; VANDERLEI MAZZUCHINI - Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Basketball; RICARDO TRADE - Diretor Executivo da Confederação Brasileira de Voleibol; FULVIO DANILAS - Diretor de Volei de Praia da Confederação Brasileira de Voleibol; DANIEL - Repórter do Portal UOL em Brasília.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.
--



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Bom dia a todas e a todos.

Esta reunião de audiência pública da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 33, de 2015, de iniciativa do Deputado João Derly, que tem como objetivo “debater a preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016 com as Confederações de Futebol, de Voleibol e de Basquetebol”.

Já tivemos uma série de reuniões. Várias confederações já foram recebidas. E, para dar início às apresentações, convido para sentar à Mesa: o Sr. Marco Aurélio Cunha, Coordenador de Futebol Feminino da Confederação Brasileira de Futebol — CBF (*palmas*); o Sr. Vanderlei Mazzuchini, Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Basketball (*palmas*); o Sr. Ricardo Trade, Diretor Executivo da Confederação Brasileira de Voleibol (*palmas*); o Sr. Fulvio Danilas, Diretor de Vôlei de Praia da Confederação Brasileira de Voleibol (*palmas*).

Informo que esta é a 5ª reunião do ciclo de audiências públicas com as Confederações Olímpicas, destinada a debater a preparação das delegações para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Já está programada a última das audiências para o dia 22 de outubro com as Confederações de Ciclismo, de Boxe e de Hipismo.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate, disporá de 15 minutos para suas preleções e não pode ser aparteado. Após as exposições, será aberto espaço para debate. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos. Será permitida a réplica a qualquer participante que for citado durante os debates.

Para iniciar os trabalhos, passo a palavra ao Sr. Marco Aurélio Cunha.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Bom dia a todos! Eu quero agradecer ao Deputado João Derly a oportunidade de apresentar um pouco do trabalho que as Seleções de Futebol Masculino e Feminino farão até as Olimpíadas. A coisa mais agradável que existe é falar de esporte, da atividade que fazemos, despolitizada na área técnica e na área de compromisso com a conquista. Acho que esse é o ponto principal com o qual devemos nos envolver. As questões políticas são sempre muito delicadas. Há sempre opiniões divergentes. Mas o esporte, o resultado e a vitória



são absolutamente convergentes quando procuramos fazer o melhor, representando o País, representando as nossas cores, especialmente em uma Olimpíada que acontecerá em nossa casa, onde, além de haver a divulgação do País, também teremos a nossa torcida próxima. Isso, muitas vezes, é um fator positivo e, outras vezes, é um fator de pressão excessiva.

Vou começar pelas mulheres, porque é realmente o meu maior envolvimento atual, é onde estou concentrado. Sou o Coordenador das Seleções Femininas da CBF. Não é a primeira vez que se faz um grande trabalho em relação à Seleção Feminina. Nós já tivemos a passagem do René Simões, que foi medalha de prata na Olimpíada de Atenas. Por fatalidade, talvez até por não ter tido sorte com a arbitragem, vamos dizer assim, o Brasil não trouxe a medalha de ouro. Nós tivemos grandes gerações jogando futebol feminino. E tenho aproveitado esse tempo para fazer uma grande análise retrospectiva e atual do futebol feminino.

O futebol feminino teve grandes momentos com atletas do nível de Sissi, de Michael Jackson, enfim, grandes gerações, e agora com a Marta, cinco vezes campeã do mundo, que talvez não tenha tido ainda a devida comunicação com o povo brasileiro no sentido de apaixoná-lo pela categoria. Todos gostam do futebol feminino, de uma maneira geral, mas eles não se atêm ao futebol feminino e ainda há muita competição, muita comparação com o futebol masculino; ainda o futebol feminino tem o preconceito que nós não vemos dos outros países, onde, nas escolas de países de alto nível social e econômico, as meninas e meninos jogam futebol em conjunto. Eu dizia, ontem, na audiência pública — eu vivi no Japão, 2 anos, trabalhando em futebol; e, lá corriqueiramente, havia jogos de futebol misto com crianças, porque, de 7 anos a 12 anos, fisicamente, de 6 anos a 12 anos, elas são a mesma coisa, meninas e meninos são iguais sob o ponto de vista físico nessa fase, e essa é fase do aprendizado, da coordenação, do conhecimento da regra, da intuição, de aprender a jogar —, que, o futebol feminino, nós temos aqui muita dificuldade que as meninas, crianças joguem futebol, por uma razão latina, machista, a cultura do Brasil. Nós não podemos quer mudar a cultura da Arábia Saudita. Lá, eles têm o seu estilo, têm a sua forma de pensar. Nós, latinos, sempre achamos que as meninas não deviam jogar futebol; até algum tempo atrás, havia lei aqui proibindo a mulher de jogar futebol, lei claríssima; e; com a mudança dos tempos, obviamente



a evolução da cabeça das pessoas, as meninas passaram a ser compreendidas também como atletas de futebol. E, não é diferente, isso aconteceu no Basquete, aconteceu no Voleibol, no Tênis, aconteceu também. E, claro, com o maior número de mulheres participando desses eventos, a cultura é disseminada, o preconceito é diminuído e, cada vez mais, nós estamos vendo meninas jogando futebol, ainda com muita dificuldade, em alguns lugares, mas já conseguimos ter um bom trabalho em relação a isso. Nós precisamos unir os pontos do País e, com isso, fazer o futebol feminino realmente pegar, não ser só sazonal, em termos de Pan-Americano, Olimpíadas, mas ter um campeonato anual bem feito. Nós temos a Copa do Brasil, temos o Campeonato Brasileiro Feminino. Ainda são poucos os jogos, o País é continental, é difícil, financeiramente, você organizar um campeonato longo, mas a CBF tem tentado e tem investido muito no futebol feminino.

Após esse preâmbulo, eu quero falar um pouquinho sobre o que nós estamos fazendo.

Após o brilhante trabalho do Renê Simões houve novamente, não diria um esquecimento, mas um esfriamento do futebol feminino na CBF. O atual Presidente, e ele envolvido com isso e a FIFA cobrando bastante também que o futebol feminino seja desenvolvido, entendeu, junto com a Comissão Técnica, que nós não teríamos um time competitivo com a carga de treinamento que essas meninas recebiam nos seus clubes, porque ainda é uma atividade amadora, ainda é de colaboradores, não há profissionais bem pagos que façam o futebol feminino. Com isso, vira quase que uma atividade extracurricular, vamos chamar assim, e essa atividade não é suficiente para atleta de alto nível, é evidente que não. Como todo esporte começa pequenininho, uma carga horária miúda e, com o tempo, ele vai ampliando, as pessoas se interessando, e passa a ser interessante.

O Presidente da CBF, junto com a Comissão Técnica, o Oswaldo Alvarez, o brilhante treinador faço questão de registrar isso, os seus auxiliares entenderam que era preciso fazer uma seleção contínua, permanente Ela foi instituída, ano passado, e aí as meninas passaram a treinar período integral, num centro de treinamento de alta qualidade — tem dois, tem em Pinheiral e em Itu, onde não por acaso ficou a Seleção Japonesa, eles não ficariam num lugar ruim —, e nós temos trabalhado essas meninas integralmente. Elas têm um salário, uma bolsa da CBF, porque elas



também recebem importante ajuda do Ministério do Esporte, a Bolsa Atleta, e essa Bolsa Atleta é contínua e tem valores diferentes conforme o estágio de rendimento e conquistas dessas atletas. Elas conseguem receber a Bolsa Atleta, uma bolsa da CBF, mas uma situação que criamos, que são as diárias pelos dias que elas estão convocadas e concentradas. Então, elas conseguem, com isso, ter um salário bastante razoável, muito distante do que é o futebol masculino, é evidente, mas se consegue fazer isso. O investimento da CBF é muito alto na categoria, porque ainda temos as Seleções Sub-20 e Sub-17. Mas falando especialmente da seleção principal, que vai aos Jogos Olímpicos, essa concentração é um investimento bastante caro, os salários e diárias também são um investimento importante. Elas têm um treinador, um coordenador técnico, elas têm um preparador físico fisioterapeutas, médicos, coordenador, no meu caso, toda uma equipe de apoio, psicólogo, enfim, nós estamos fazendo um trabalho absolutamente profissional, e elas melhoraram profundamente os seus índices físicos (taxa de gordura, potência muscular, resistência aeróbica, resistência anaeróbica), enfim, todas as variáveis e valores da potência física elas conseguiram. Evidentemente associada à boa técnica que têm, porque, se não, não estariam jogando na Seleção. Essa Seleção não é fechada, é uma seleção permanente, mas ela é permeável: atletas novas podem vir, atletas que estão jogando em outros lugares podem ser convocadas.

A ideia também de fazer a seleção permanente foi porque o que elas ganham fora do País é absolutamente maior do que elas ganhavam dentro do País. Mas não tanto assim no sentido de que nós não pudéssemos fazer um esforço para mantê-las no Brasil. Nós fizemos isso, mas mesmo assim, após a vitória do Pan-Americano, o futebol brilhante que elas jogaram, com cinco vitórias, medalha de ouro do Pan, os olhos internacionais cresceram para as nossas meninas e nós perdemos a Cristiane, a Érica, Nenê para um time menor que o Paris Saint-Germain. Nós temos jogadores jogando na Islândia, a Marta jogando na Suécia, temos jogadores, na Dinamarca, na Noruega e temos jogadoras nos Estados Unidos, pelo menos sete ou oito foram embora nesse período. Nós convocamos outras meninas e evidentemente cada convocação que se faz nas datas FIFA elas são convocadas para jogar. Nós jogamos recentemente na França, em Le Réve, com 25 mil pessoas no estádio gritando pela França. Se vocês veem um jogo de seleção masculina, tenham certeza



de que era igualzinho: o mesmo apelo, a mesma frequência de público, a mesma euforia e um time da França extremamente bom. Nós perdemos por 2 a 1 um jogo muito bem disputado. Então, o trabalho da Seleção Feminina é essa continuidade, é convocar as jogadoras que estão fora, a convivência diária das que estão lá e evidentemente tentar disputar uma medalha. Não será fácil. As pessoas imaginam “Ah, com todo esse trabalho, vocês vão trazer uma medalha”. Claro que queremos, porém, nós temos uma escola americana, que é campeã do mundo, a japonesa que é campeã do mundo e vice-campeã este ano, temos a França, que é um time extremamente forte, a Alemanha, eu diria que o Brasil hoje é a quinta, sexta força do futebol feminino mundial e olhe que junto com mais alguma seleção importante, como a Inglaterra, a Itália. Na América, eu acho que nós somos, excluindo os Estados Unidos, a segunda seleção. Com o mundo todo, nós ficamos em quinto, sexto. Mas só que mudou o perfil, a diferença de competição era brutal. Hoje não! Por quê? Se nós éramos bons lá atrás com a Ceci e com todo mundo, o que houve? As seleções dos outros países melhoraram profundamente por conta do trabalho de base que elas têm, escolar, trabalho de *college*, trabalhos que vão desde os 8 anos, 10 anos, e que essa safra apareceu a partir de 1, 2, 3 ou 4 anos atrás, e já competindo com muita mais capacidade do que anteriormente. Houve, então, essa mudança, o Brasil estava aqui, e aconteceu isso, e o Brasil hoje está muito perto. Nós podemos disputar qualquer jogo, se ganhamos ou não, é o resultado que vai dizer, mas o nível de competição nosso, da seleção feminina, é para igualar qualquer partida, talvez minimamente inferior, mas nós estamos em condições de competir e buscar medalha. O chaveamento, você ficar em segundo lugar, vocês sabem o que é isso. Caiu em segundo lugar na chave, pegou o cabeça de chave, numa quarta de final, é o melhor time, você pode ficar sem medalha. Se você for bem e conseguir vencer e ir vencendo, você pode até disputar a medalha de ouro, mas é extremamente difícil, o caminho é muito árduo.

Então, esse é o trabalho da Seleção Feminina. Temos atletas jovens, como a Andressinha, 20 anos, brilhante, que fez um Pan-Americano ótimo. Ela é do Rio Grande do Sul. E, recentemente, nós fizemos um *draft*, um sorteio, para as jogadoras da Seleção poderem jogar o Campeonato Brasileiro, e não ser tão desigual esse campeonato. Ela foi sorteada, está em Teresina, e o time dela está



disputando a vaga entre os quatro melhores do Brasil, com ela e mais duas atletas da Seleção. Está sendo extremamente colaboradora nesse projeto. É uma menina loirinha, branquinha, clarinha, do Rio Grande do Sul, se torrando lá no sol de Teresina e dizendo: *“Que bonito que está sendo! Elas estão nos adorando, estão nos tratando superbem. Nós estamos melhorando o nível desse time, do Tiradentes, do Piauí. Eu estou muito feliz de poder levar o futebol feminino de alto nível para o Piauí”*. Essa é a maneira como estamos trabalhando para poder, também, equilibrar o campeonato e fomentar o campeonato em outros lugares mais distantes e não tão favorecidos socioeconomicamente. Então, esse é o trabalho da Seleção Feminina na CBF.

Vou, rapidamente, falar sobre a masculina. Todos sabem a potência que o Brasil é. Nós temos 50% de jogadores jogando no Brasil, 50% jogando fora. Um estudo que se fez no ano passado é que era interessante que a Seleção Olímpica, também, para poder reunir os atletas que estão fora, jogasse nas datas FIFA, e, portanto, a Seleção Olímpica está jogando junto com a Seleção principal.

O treinador da Seleção Olímpica será o Dunga. E, aí, vem a pergunta: como ele poderia treinar as duas Seleções, se, nas datas FIFA, a Seleção Brasileira principal e a Seleção Olímpica jogam juntas? Nós temos uma equipe de observadores, a equipe técnica, o Micali, que é, na verdade, um auxiliar do Dunga nessa questão. Há reuniões todas as terças-feiras, depois de uma partida, para analisar resultados e futuras convocações. O Dunga monta a sua equipe, a direção do jogo é daquele treinador, mas a análise de *tapes*, a análise de resultados, a análise de desempenho... Tem uma equipe de análise de desempenho. Toda a comissão técnica se reúne, o Gilmar, o Dunga, e os outros, para fazer uma análise daqueles que poderão estar jogar pela Seleção Olímpica. É um trabalho, também, difícil. A medalha de ouro em uma Olimpíada é inédita. Mas eu acredito que, com esse trabalho, nós possamos conseguir.

Outra mudança é que a Seleção Olímpica vai fazer amistosos no Brasil, porque, além de nós querermos a presença do público, a crítica, a pressão, nós queremos identificar também a Seleção Brasileira com o nosso povo. E isso pode ser feito através dessas partidas que faremos. Faremos agora dois jogos, contra Gana e Nigéria, talvez sejam em São Paulo, para poder também ter essa



proximidade com o público, cobrança, enfim, toda a situação que faz com que possamos ter um bom resultado.

(Não identificado) - Qual é a data?

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - A data? Tem a data FIFA. É o próximo jogo data FIFA, talvez seja na Arena Palmeiras. Então, esses jogos são sempre analisados pelo Dunga, que, depois, junto com a sua comissão, o Rogério Micali, que é o treinador, o André Luís, que é o seu treinador auxiliar, o Andrey e o Dunga analisam tudo juntos e fazem as convocações. Para se ter uma ideia, a Seleção Olímpica jogou, recentemente, com 25 mil pessoas, com ingresso pago, o que ressarce um pouco esse custo.

E eu acho que nós estamos num bom caminho em relação às duas Seleções de futebol masculino e feminino. Medalhas todos desejam, né? Mas tem um problema, que são os adversários. Nós vamos tentar enfrentá-los com um bom nível, né, porque todos que vêm aqui não vêm passear, vêm buscar medalha também.

Então, acho que esse é um breve relato daquilo que está sendo feito. Todos conhecem a excelência do trabalho dos profissionais da CBF. Eu faço questão de falar dos profissionais da CBF, porque, nessa crise de relações, nessa crise pública de interesses, de benfeitos e malfeitos, as pessoas falam da CBF como se os seus funcionários não fossem corretos e bons. A CBF tem funcionários brilhantes. Seria como falar que a política nacional é corrupta, a política nacional tem os seus desvios, mas não se homenageasse cada funcionário que trabalha neste Congresso. Não se reconhecesse o esforço de cada um que passa por aquela checagem de documentos e vai para o seu gabinete. A CBF é assim. Ela tem profissionais brilhantes, exemplares, na parte de registros, de competições, de arbitragem. São profissionais, pessoas que vivem do seu trabalho e que nada têm a ver com os comprometimentos, os compromissos ou as dúvidas em relação a comportamento.

Então, quando falarem da CBF, respeitem os funcionários da CBF. Eu acho que, assim, todos estarão sendo mais justos numa análise, eventualmente, por quem a capitania ou por quem tem os interesses contrariados.

Eu acho que a CBF, antes de tudo, são seus funcionários, seus jogadores, suas jogadoras, seu corpo técnico. Quando o fizerem, pensem bem em quantas



famílias estão ali trabalhando duramente para que possamos ter um bom time em campo, independentemente do resultado.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Muito obrigado, Marco Aurélio.

Neste momento falará o Sr. Vanderlei Mazzuchini.

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - Bom dia a todos!

Vou fazer uma breve apresentação minha. Hoje eu estou como Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Basketball. Fui atleta da modalidade. Comecei a jogar com 9 anos de idade. Dos 16 anos aos 36 anos eu atuei em equipes adultas, 10 anos destes na Seleção Brasileira. Há 7 anos, vai-se completar, eu fui convidado a atuar na Confederação. A princípio era, basicamente, a Seleção masculina, porque havia uma situação muito difícil de comunicação entre os atletas da NBA e a Confederação. Meu nome naquele momento, até por eu ter atuado com todos eles, foi uma forma de fazermos novamente essa ligação.

Antes de falar propriamente da preparação e do planejamento das seleções brasileiras para as Olimpíadas, um pouco diferente de Marco Aurélio, eu acredito que é correto da minha parte apresentar o detalhamento de recursos que estamos utilizando, até porque 100% do recurso, hoje, do Departamento Técnico vem, de alguma maneira, do dinheiro público.

Eu também não posso deixar de falar de 2015. O ano de 2015 é fundamental para a preparação das seleções. Para vocês entenderem, em 2015, o Departamento Técnico teve, praticamente, 10 milhões de reais para fazer tudo. Quando falamos de Departamento Técnico da Confederação, não nos referimos apenas à Seleção masculina e feminina; temos seleções de base, Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, enfim, uma série de situações.

Para 2016, temos uma promessa, porque ainda não está assinado o convênio com a Seleção feminina. Esse crescimento para 17 milhões é justamente nisso, é o convênio que não realizamos em 2015 e que, acreditamos, em 2016 haverá.

Então, em 2015, a fonte de recurso da Confederação foi essa. Quando falo de Confederação, refiro-me somente ao Departamento Técnico. Tivemos 5 milhões e meio que veio da Lei de Incentivo ao Esporte; 2 milhões e 300 da Lei Piva; 1 milhão e 400 do Fundo Olímpico, que vem através do Comitê Olímpico do Brasil — COB



também. Hoje, ele vai mais para a modalidade. No basquete, o Fundo só é destinado ao masculino, porque são seleções e modalidades com chance de medalha. Também no ano de 2015 tivemos uma sobra de convênio e fizemos uma readequação, são 600 mil reais.

Para vocês entenderem a divisão, vou colocar os dados só das seleções, o que interessa aqui hoje. Dos 9 milhões, 5 milhões e meio da Lei de Incentivo não se pode usar em seleções, porque há um contrato com o Bradesco, e isso serve para fomentar a modalidade. Esses 5 milhões e meio acontecem com dois brasileiros, Sub-15 e Sub-17, de todas as seleções estaduais do País.

Nós tivemos praticamente 2,5 milhões com a seleção masculina; 1 milhão com a seleção feminina; e 800 mil com as seleções de base.

Os recursos da seleção masculina foram provenientes da Lei Agnelo/Piva. Neste ano, tivemos uma dificuldade gigante porque a Confederação ainda está sem patrocinadora estatal. Talvez seja a única Confederação das grandes confederações que, há 3 anos, não tem uma estatal como parceira. Isso está impactando demais as nossas preparações.

Então, no ano passado, a verba da seleção masculina foi proveniente da Lei Agnelo/Piva ou do Fundo Olímpico; a da feminina foi proveniente da Lei Agnelo/Piva e do resto do convênio de 2013. Foi um ano bastante difícil para o basquete, um ano que era fundamental para o esporte. Mas, em virtude da falta de convênio estatal, as seleções realmente não tiveram a preparação adequada para as Olimpíadas.

Aí estão sendo mostradas as seleções de base. Eu acho importante vocês entenderem que hoje estamos tendo o apoio somente da Lei Agnelo/Piva. E isso está fazendo com que a preparação e a estrutura das seleções venham diminuindo nos últimos 3 anos sem a estatal.

Esse aí é o dinheiro gasto com o Campeonato Brasileiro de Base.

Foi-me perguntado por que gastamos muito dinheiro com esse Brasileiro de Base e não colocamos isso em seleções. Primeiro, porque esse é um dinheiro cuja destinação tem que ser feita sempre no ano anterior, ele é feito na Lei de Incentivo ao Esporte. Segundo, porque há sempre a situação de tentar conseguir o convênio para as seleções adultas, e o foco são as Olimpíadas. Não podemos esquecer que



sem isso aqui o basquete acaba. Então, eu não posso deixar o fomento de lado. É por isso que, nos últimos anos, vimos com esse formato e não podemos mudá-lo.

No ano de 2016, haverá um aumento significativo, especial e unicamente em virtude da entrada de convênios, tanto na seleção masculina como na seleção feminina. Esse ali é direcionamento dos recursos da seleção feminina. Dá para ver que há um aumento substancial no convênio. Isso vai realmente nos ajudar muito na preparação das duas seleções para o ano que vem. Para a seleção masculina, serão destinados 6 milhões — isso tudo em convênio; para a feminina, 4 milhões. Aquela diferença que há ali se refere a situações das leis.

O convênio não paga diária de atletas. Para vocês entenderem, na seleção masculina, aquele azul ali sai da Lei Agnelo/Piva. O convênio também não paga o seguro dos atletas da NBA e o seguro dos meninos que jogam na Europa. Então, hoje há uma engenharia gigantesca dentro da Confederação para se conseguir fazer uma seleção.

Para vocês entenderem, na maioria das vezes, uma seleção masculina recebe dinheiro da Lei de Incentivo ao Esporte, da Lei Agnelo/Piva, do Fundo Olímpico e de convênio. Hoje, a Confederação tem que se organizar muito mais, porque, até então, 100% dos recursos eram provenientes de patrocínios e da Lei Agnelo/Piva, agora não mais. Atualmente, há toda uma engenharia para conseguirmos realmente fazer com que a preparação dos atletas seja adequada.

Então, antes de entrar no planejamento das seleções 2016, eu achei importante passar isso para vocês. Como Diretor-Técnico da Confederação, eu não devia estar falando de dinheiro, mas era fundamental eu esclarecer isso para vocês.

Agora falando realmente do que interessa para nós, o planejamento das duas seleções. Vamos falar primeiro da seleção masculina.

O planejamento da seleção masculina foi feito em 2013, quando já imaginávamos que teríamos o convite para as Olimpíadas. Nesse sentido, usaríamos o ano de 2015 para tentar realmente aumentar o nosso leque de atletas. Isso vem exatamente nessa apresentação aqui para vocês.

Hoje, há uma quantidade de atletas muito pequena no basquete masculino em condições de brigar entre as melhores seleções do mundo. E este ano de 2015, com a vaga direta para as Olimpíadas, tentamos aumentar essa quantidade para,



pelo menos, 20 ou 30 atletas. Neste ano, com os Jogos Pan-Americanos e com a Copa América, dentro do nosso limite, acredito que conseguimos isto: colocamos uma seleção extremamente jovem para participar dos Jogos Pan-Americanos, que era o nosso maior foco, e conseguimos ser campeões pan-americanos. E, pelo menos, três ou quatro desses atletas vão disputar as Olimpíadas de 2016.

Então, dentro do nosso planejamento, na seleção masculina, mesmo com a falta de convênio, não vai haver tanto impacto, porque a maioria desses atletas jogam fora, na NBA. Apesar dessa situação que nós tínhamos, o ano de 2015 foi muito proveitoso para a seleção masculina, porque vamos conseguir que, pelo menos, três ou quatro desses jogadores estejam, no ano que vem, na seleção adulta disputando os nossos Jogos Olímpicos.

Falando especialmente das Olimpíadas, neste ano, em novembro, vamos encaminhar um documento para as equipes da NBA e da Europa, a fim de saber como vai ser o procedimento com esses atletas até os jogos olímpicos. Para vocês entenderem, isso é sempre muito difícil. Talvez o basquete masculino viva uma situação diferente da de todos os outros esportes, porque há uma briga entre os clubes, que não querem que esses atletas joguem nas seleções. E isso não acontece só com a seleção brasileira, mas com todas as seleções do mundo. Os atletas ganham salários realmente monstruosos e há essa briga de interesses. Só que a confederação já fez um acordo com a NBA: no ano de 2016, eles vão ser acompanhados de novembro até agosto. Então, neste ano não vamos ter nenhum tipo de problema. Esse documento que está sendo elaborado pela Confederação e pelo COB — Comitê Olímpico do Brasil vai ser essencial para isso.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Uma pergunta, só para eu aprender: não há, no basquete, calendário como o Data FIFA, que traz as convocações obrigatórias e que o clube tem que ceder os jogadores?

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - Não.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Não tem.

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - Não tem. A FIBA diz que o atleta é obrigado a participar da seleção. Mas, quando falamos de números grandes no meio do basquete, do atleta que recebe 15 milhões de dólares ao ano, e o clube fala para



o atleta que é melhor ele não ir naquele ano, é muito difícil brigar com esse atleta para ele estar na seleção. Então, ele não tem obrigação.

Nesse sentido, o que acordamos? Que nos anos em que não houver as maiores competições — não quero dizer uma competição não seja importante —, mas as competições mundiais e as Olimpíadas, procuremos abrir mão dos atletas para a NBA, a fim de mantermos uma relação amistosa e não termos problema.

Então, no ano de 2016, em função desse acordo, nós não vamos ter nenhum tipo de problema com os atletas, nem com os agentes dos atletas, nem com as equipes da NBA, principalmente.

Vou deixar clara uma situação que é muito falada: nunca houve problema de pagamento de seguro. Para vocês entenderem, a NBA trabalha muito fácil com isso. Quando convocamos o atleta, mandamos uma carta para a FIBA. No outro dia, já chega uma *invoice* com o valor exato a ser pago daquele período em que o atleta estiver com a seleção brasileira. E esse dinheiro sempre foi pago. A questão nunca foi seguro. A questão fica difícil quando esse atleta está no término de contrato, porque ele está sem contrato na NBA e não se consegue assegurá-lo. Vou citar um exemplo específico: no ano que vem, o Nenê estará sem contrato. Então, em conversa com os agentes, esperamos que o contrato dele seja renovado em maio, para que realmente estejamos com todo mundo nas Olimpíadas, que foi o foco desde 2013.

Para vocês entenderem, vamos começar a monitorar todos os nossos principais atletas que estão jogando nestas ligas: NBB, NBA e ACB, que é espanhola.

No ano que vem, teremos o Campeonato Sul-Americano de Basquete Masculino. Para vocês entenderem também, no masculino, sempre é feita a seleção “a” e a seleção “b”. Os atletas não jogam duas competições no ano. Então, os atletas que vão jogar nas Olimpíadas ficarão com uma comissão técnica e os que vão jogar o Sul-Americano ficarão em outra seleção. Nós continuamos com aquela situação de promover os jovens, promover mais jogos internacionais, para tentarmos aumentar o leque de jogadores de nível de basquete, que está cada vez menor.

(Segue-se exibição de imagens.)



Aqui eu mostro o planejamento da comissão técnica. A maior preocupação da seleção masculina, até pela idade dessa geração, é os atletas estarem saudáveis. Então, a preparação não é muito grande e a quantidade de amistosos não passa de dez jogos.

Tudo isso sempre é feito num acordo com os clubes da NBA. É uma preparação, um planejamento relativamente fácil, se pensarmos em relação à parte técnica. É muito mais desgastante, administrativamente falando, quando falamos da seleção masculina, porque temos um período curto de treinamento e não podemos passar de dez jogos amistosos. Assim, a preparação passa a ser relativamente fácil.

Ali falamos um pouco de *doping*, porque a NBA também tem uma relação diferente com o *doping*. Nos últimos 12 anos, nós não tivemos nenhum tipo de problema de *doping* com nenhum atleta, tanto no masculino quanto no feminino.

Aqui é um pouco do planejamento. A seleção se apresenta no dia 19 de junho, em São Paulo. Esses dez jogos amistosos vão acontecer no mês de julho, todos em São Paulo. Nós só temos uma viagem a Buenos Aires, relativa a um acordo que temos com a Argentina, nos últimos anos. Haverá um torneio lá e um torneio aqui. Então, no ano que vem, a seleção não sai do Brasil, justamente pelo motivo que o Marco Aurélio falou: para termos essa identidade com esses atletas que saem tão cedo do Brasil e não têm essa identificação com a população, com a torcida em geral. Em relação à seleção masculina, basicamente é isso. A grande preocupação é esses atletas, que estão numa idade avançada, estarem numa condição saudável.

A comissão técnica também está toda formada. Essa comissão já está junta há 4 anos e é encabeçada pelo Rubén. Para quem não tem noção do basquete, ele é um técnico argentino. Numa primeira situação, isso soou muito mal dentro da Confederação, mas, quando entrei, eu achava que a Confederação devia ter um técnico de nome. Na época, nós tínhamos um técnico espanhol, que era o Moncho. Na Espanha, a pessoa vive uma realidade totalmente diferente da que nós vivemos aqui no Brasil. A realidade da Argentina é muito mais próxima da nossa. Foi nesse sentido que o nome do Rubén veio comigo. Eu fui a pessoa que teve essa definição lá dentro, até porque tenho uma autonomia bastante grande do Presidente.



O Rubén é uma pessoa que eu conheço desde as categorias de base. Eu joguei muito contra ele. É uma pessoa que passou por todas as categorias de base até chegar a ser campeão olímpico com a seleção argentina. Essa experiência dele foi fundamental para nós, nesses últimos 4 anos. Ele vem encabeçando essa nossa comissão técnica. Hoje, com certeza, todos os assistentes que temos ali vão ter condições de dar sequência a esse trabalho do Rubén.

(Segue-se exibição de imagens.)

Essa é uma apresentação que estou fazendo para o Ministério, já que eles estão pagando a nossa conta. Nós vamos treinar em São Paulo, na quadra do Sírio.

Aqui estão os aparelhos, a tecnologia que se usa. Nós temos que fazer isso.

Aqui temos uma relação de 25 atletas que estão sendo monitorados. Desses 25 atletas é que vai sair a lista final de 12 para as Olimpíadas. A grande preocupação agora é ter esse planejamento individual desses 25 atletas. Estamos elaborando esse documento junto com o COB, para entregarmos aos clubes e aos atletas, para haver a monitoração. Devemos fazer uma visita, o mais breve possível, a esses atletas, principalmente os da NBA.

Acredito que, em 2016, vamos ter uma seleção com condição de brigar de igual para igual com as melhores equipes do mundo. Falar em medalha no basquete é muito difícil. Essa seleção masculina tem, sim, condição de brigar por medalha, mas não podemos garantir. Nós temos certeza de que vamos ter uma seleção competitiva, que vai brigar pelo máximo possível. Hoje, como dirigente, tenho certeza de que vamos dar toda estrutura e condição para essa seleção chegar às Olimpíadas com condição de brigar com as melhores.

Já na seleção feminina, a situação do convênio deste ano impactou muito. A seleção feminina é muito jovem e, diferente da seleção masculina, a quantidade de treinamento e a quantidade de jogos internacionais vai impactar demais. O ano de 2015 foi muito ruim para nós. Quando falamos de treinamento e jogos internacionais, nós falamos em verba. Infelizmente, uma coisa está totalmente ligada a outra e o ano de 2015 foi muito ruim para a seleção. Quando falamos em termos de seleção feminina foi muito ruim. A preparação foi horrível.

(Segue-se exibição de imagens.)



Aqui temos a relação das atletas do ano de 2016. Para vocês entenderem, eu fiz um pouquinho diferente. O planejamento é feito muito antes, desde a periodização do que vai ser cada dia de treinamento. Aqui é uma periodização do evento-teste que vamos ter em janeiro com a seleção feminina e aqui a periodização inteira da fase de treinamento.

Para vocês entenderem, fazemos desta forma com a seleção feminina, porque há uma preocupação muito grande de que elas façam um jogo digno. Quando eu coloco assim, é porque existe o fato de ela precisar treinar o máximo possível e jogar o máximo possível de jogos internacionais. Então não vou me estender falando sobre a preparação, sobre o planejamento, porque ainda estamos nas últimas diligências com o Ministério.

Eu acredito que até o próximo mês nós consigamos aprovar o convênio da seleção feminina para que tenhamos uma preparação adequada e consigamos ter uma Olimpíada digna com a seleção feminina. Ela não briga por medalha, mas acredito que com o convênio nós conseguiremos ter uma seleção com uma rodagem maior para nós podermos ter uma olimpíada digna dentro do Brasil.

Então eu não vou falar do planejamento, até porque nós ainda precisamos ter essa definição do convênio, porque sem o dinheiro do convênio para 2016, a seleção feminina fica numa situação realmente bastante difícil.

Para vocês entenderem, só para finalizar, há uma diferença bastante grande entre a seleção masculina e a feminina. A nossa preocupação com a seleção masculina é monitorar os atletas e fazer com que esses atletas cheguem saudáveis em 2016. Já com a seleção feminina, a nossa preocupação é colocar essa meninada para treinar e jogar a maior quantidade possível de jogos internacionais de nível, sendo que a seleção masculina tem, sim, uma chance de brigar por medalha e a seleção feminina, com uma preparação adequada, pode fazer um papel digno e jogar de uma forma competitiva a Olimpíada. Basicamente é isso.

Muito obrigado.

Quero agradecer ao Deputado João Derly. É sempre muito legal e bacana estar falando de esporte. No meu caso, falando de basquete, principalmente, aqui em Brasília.

Muito obrigado. (Palmas.)



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado Mazzuchini.

Agora, concedo a palavra ao Sr. Ricardo Trade.

O SR. RICARDO TRADE - Obrigado, Deputado João Derly. Agradeço ao Marco Aurélio Cunha da CBF. É um prazer estar junto aqui. O Vanderlei eu já conhecia do meu tempo de Ministério, quando estava como Secretário.

Vou tentar ser o mais breve possível também. Para mim também é um aprendizado cada vez que vejo isso. É sempre um aprendizado para nós que somos do esporte, não é Deputado João Derly e nosso ídolo aqui também? Eu fui atleta do handebol. Não fui do voleibol, mas trabalhei muito tempo. Trouxe comigo para falar especificamente do vôlei de praia o Fulvio Danilas que é um *expert* nesse assunto, foi uma das pessoas que primeiro trouxe o vôlei de praia para o Brasil, quando ele trabalhava na Koch Tavares. Desde 1987, ele fazia parte do Conselho Mundial do Vôlei de Praia e, por isso, a vinda dele para somar à Confederação num dos pontos do planejamento estratégico da CBV, que era valorizar mais ainda o vôlei de praia.

Você pode colocar na apresentação?

Vou tentar ser o mais breve possível.

Fulvio, passe-me o *pen drive* de novo. Pode ser que abra no *pen drive*.

O SR. FULVIO DANILAS - Está com ela.

O SR. RICARDO TRADE - Está com ela?

Eu vou iniciar minha exposição mesmo sem a apresentação, para não gastar o tempo de vocês.

A Confederação Brasileira de Voleibol — CBV é uma entidade privada que gerencia o voleibol brasileiro. Eu estou aqui hoje representando o Presidente Walter Pitombo Laranjeiras, que não pôde vir. Ele está hoje em Saquarema, no nosso centro de treinamento, sobre o qual nós vamos falar daqui a pouquinho. Está havendo lá o Campeonato Brasileiro de Seleções, que é um dos campeonatos que mais valorizamos, no qual competem as categorias de base da CBV. Nós temos várias categorias, e uma delas participa dessa competição.

Esse torneio é uma homenagem ao Sami Melinski, que é um famoso ex-técnico da Seleção Brasileira. Esse torneio tem o nome dele. Os garotos com menos de 18 anos estão jogando em Saquarema, e o Presidente, então, me incumbiu de vir no lugar dele.



Mesmo assim, não sou eu quem deveria estar aqui, porque nós vamos falar da parte técnica, que deveria ser explicada pelo Fulvio, da área de vôlei de praia, e pelo Renan Dal Zotto, o famoso Renan, que jogou voleibol durante muitos anos, nosso ídolo. Ele é o nosso diretor de vôlei de quadra e também está fazendo um trabalho belíssimo conosco. Quando é para falar de parte técnica, nós evitamos fazê-lo. Deixamos, sim, que eles falem, que eles se expressem.

O motivo de o Renan não ter vindo é muito justo: ele viajou, porque vai entrar no Hall da Fama. No dia 20 de outubro, ele vai ser homenageado lá nos Estados Unidos, junto com o Beбето de Freitas e a Fofão. Eles entrarão no Hall da Fama do Voleibol, lá em Holyoke, em Massachusetts, que é onde historicamente foi fundando o voleibol. Portanto, como o Renan, nosso diretor, vai fazer parte do Hall da Fama — nós temos muito orgulho de dizer isso —, ele não pôde estar aqui conosco neste dia.

Foi bom o Vanderlei ter falado um pouquinho de recurso. Nós da Confederação temos que agradecer muito tanto ao Ministério do Esporte, do Governo Federal, quanto ao Comitê Olímpico Brasileiro — COB, que, graças aos recursos recebidos por meio da Lei Piva, nos envia vários montantes.

E a base do nosso patrocínio é, sim, o Banco do Brasil. Nós recebemos dele um patrocínio anual, o que, pelo fato de o Banco ser uma estatal, nos dá uma segurança muito grande. Mas também temos outros patrocinadores que nos dão uma sustentação bacana.

Diferentemente da CBF, que só tem recursos privados, nós temos misturados recursos privados e recursos públicos. Isso nos dá até uma chance, às vezes, Vanderlei, de desengessarmos alguns gastos. Quando precisamos, por exemplo, fazer alguma coisa que sintamos que possa ser difícil realizar com dinheiro público, nós preferimos, então, usar o dinheiro privado para isso. Isso nos dá certa margem de manobra. Portanto, nós temos um montante suficiente para a nossa preparação.

Eu vou falar um pouquinho sobre o que fizemos em 2015. Não dá para falar da CBV sem as transparências, mas dá para falar sobre o que nós fizemos este ano. Em 2015, então, já dentro da preparação, sentamos com o Bernardinho e o Zé Roberto, que são os nossos técnicos das seleções adultas, e perguntamos a eles do que eles precisavam para ganhar.



Esse foi até o primeiro passo que tomei quando eu assumi, em abril. Foi um pedido do meu Presidente. Nós fizemos isso junto com o Renan e, no âmbito do vôlei de praia, com o Fulvio e o Franco Neto. O Franco é campeão mundial de vôlei de praia e gerente da área do Fulvio, coordenando também as seleções de vôlei de praia dentro da CBV.

Então, nós perguntamos a eles: *“De que vocês precisam para ganhar?”* Eles responderam que precisavam de competições, condições de treinamento, oportunidade de observar os times de fora, meios para viajar, estrutura para isso e para aquilo.

Nós organizamos tudo isso para este ano e trouxemos para o Rio de Janeiro a Liga Mundial Masculina. Não fomos vencedores dela, mas foi importantíssima a nossa participação. Depois, a equipe masculina fez uma excursão pela Europa, além de ter participado da 31ª edição do Campeonato Sul-Americano, realizado em Maceió, do qual se consagrou campeã pela 30ª vez há 2 semanas.

No caso da Seleção Feminina, comandada pelo Zé Roberto, a situação é semelhante. A equipe participou do Grand Prix Feminino, tendo jogado no Ibirapuera, em São Paulo, durante a etapa no Brasil — as outras etapas foram realizadas fora do País. Ela participou também dos Jogos Pan-Americanos. Tivemos que usar uma equipe B — Sub-23, na verdade — para poder dar conta de tantas competições durante o ano. Mas isso fez parte, sim, da preparação para os Jogos Olímpicos. Já é uma preparação essas seleções estarem treinando e participando.

Tomamos também uma decisão bacana, autorizada pelo nosso Presidente e discutida com o Bernardinho e o Zé Roberto, no sentido de os jogadores também terem a melhor condição de treinamento possível que foi dada. A partir daí, na semana passada, nós paramos a preparação da Seleção Brasileira. Eu estou falando da quadra, depois o Fúlvio vai falar da praia. Nós paramos a preparação da Seleção para os Jogos Olímpicos e entramos em outro estágio.

No dia 3 de outubro nós vamos fazer o lançamento da nossa grande competição, a Superliga A, que é a Superliga em que todos os nossos grandes jogadores vão estar. Estamos trazendo mais de 18 estrangeiros e vários repatriados para jogar, mostrar a força desse torneio. Isso, sim, faz parte da nossa preparação. Vamos disputar a Superliga.



No dia 3 de novembro nós lançamos; no dia 6, fazemos a Supercopa, que é o campeonato entre o vencedor da Copa do Brasil e o vencedor da Superliga do ano passado, da outra temporada. Com isso nós fazemos dois jogos, um com o masculino, um com o feminino, no mesmo dia, em São Paulo, no dia 6. No dia 7 de novembro, nós iniciamos a nossa Superliga. A Superliga este ano foi espremida, vamos dizer assim, num acordo com os clubes. Ela termina no início de abril. Com isso nós vamos ter a possibilidade de poder treinar mais as nossas seleções. Assim, então, nós paramos a Superliga.

No ano seguinte, é um acordo nosso, a Superliga, já depois dos Jogos Olímpicos, vai começar antes, vai ter um tempo maior de exposição para os clubes, para dar também visibilidade aos clubes. Por uma decisão interna nossa, nós estamos pagando todas as despesas da Superliga: estamos pagando a arbitragem, estamos pagando passagens aéreas, estamos pagando hospedagens dos atletas, estamos pagando alimentação, facilitando, para que os times possam realmente pagar só salários e, assim, possamos ter uma Superliga competitiva, ter condições de trazer os melhores para o Brasil. Isso faz parte da nossa preparação. Encerramos, então, a preparação com a Superliga masculina e feminina.

Eu vou ter que olhar a minha “cola” agora, porque eu estou sem a apresentação. Nós vamos fazer, então, a convocação da seleção feminina no dia 6 de abril — vamos fazer uma coletiva para fazer a convocação —, e no dia 12, a convocação da seleção masculina.

Os períodos de treinamento, tanto da seleção feminina, quanto da masculina, iniciam-se na semana seguinte. Nós vamos treinar a partir de 18 de abril do ano que vem, direto, em Saquarema, no nosso Centro de Desenvolvimento do Voleibol Saquarema, que é algo de que nós realmente temos orgulho. Ele tem sido usado até por outras confederações: o judô usa, a canoagem usa também. Nós trabalhamos em conjunto, temos uma relação excelente com todas as confederações. Nós não estamos falando só de voleibol. Não. É o esporte brasileiro. Nosso Presidente considera muito isso.

Então, em abril, nós passamos a treinar as seleções. Com isso nós teremos um período de treinamento bem longo, com mais tranquilidade. Em Saquarema nós temos quatro ginásios. Nós não vamos deixar nenhuma categoria de base treinar lá



neste momento. Nós vamos tirar as categorias de base e levá-las para outro local, para que nós deixemos aquele local, com sala de musculação, de alimentação, quartos, moradia, tudo concentrado, para as duas seleções adultas.

No início de junho, nós começamos a competir. Nós temos dois jogos amistosos da seleção masculina — 3 e 5 de junho —, que jogará com a seleção Argentina, na Argentina. Num acordo nosso com a Argentina, vamos fazer dois amistosos com a seleção masculina. Logo depois jogaremos aqui no Brasil uma etapa da Liga Mundial. Esse foi um acordo que nós fizemos cerca de um mês atrás, na federação internacional.

A pedido do Zé Roberto e do Bernardino, as primeiras etapas das competições internacionais vão ser feitas no Brasil; depois sairemos e jogaremos lá fora de uma vez só. Nós vamos jogar a primeira etapa no período de 17 a 19 de junho — não sabemos o local ainda, estamos negociando.

A Liga Mundial do ano que vem será diferente, não será aquela em que um país vem aqui, faz dois jogos, vai lá, faz dois jogos. Não. Vão ser etapas como o Grand Prix feminino. Virão aqui três países, esses três países mais o Brasil jogarão. Faremos três jogos em um local só. Depois o Brasil sairá para jogar, de junho até julho, lá fora, as etapas e a etapa final da Liga Mundial, que não será no Brasil ano que vem.

Com a seleção feminina será a mesma coisa. Ela jogará dois amistosos com a Polônia em junho — ainda não definimos o local. Depois ela joga o Grand Prix feminino. A primeira etapa vai ser no Brasil, de 10 a 12 de junho, estamos com isso já programado. Agora eu vou ter a apresentação. Então, de 10 a 12 de junho, nós vamos ter a etapa feminina. Logo depois da etapa do Grand Prix no Brasil, nós voaremos para jogar lá fora as outras etapas mais a etapa final.

Voltaremos no início de julho e teremos um período de treinamento, de novo em Saquarema, no nosso centro de treinamento, e entraremos na Vila Olímpica logo no início de agosto. Aí, sim, nós entramos na Vila Olímpica com a nossa preparação.

Eu não estou aqui entrando em detalhes — talvez o Vanderlei tenha entrado um pouco mais. O Renan e talvez muito mais o Bernardinho e o Zé Roberto tenham base para falar disso. Nós vamos ter a mesma estrutura que eles têm. Já existe



preparador físico, médico, fisioterapeuta, psicólogo, estatístico, toda uma estrutura para eles com o melhor.

Com certeza, de novo batendo no que o Marco Aurélio falou no início, esperamos ganhar, no ano que vem, seis medalhas. Nós estamos trabalhando para isso — estou falando de vôlei de praia e vôlei de quadra. É lógico que, em quartas de final, oitavas de final, pode ocorrer algum tropeço, mas o nosso foco é, sim, junto com as comissões técnicas, dar a eles as melhores condições para que eles sejam campeões olímpicos e tragam mais este título para o Brasil. Então é essa a nossa preparação.

Eu vou tentar passar rapidamente. Eu acho que eu já falei quase tudo.

Eu vou falar um pouquinho do modelo de gestão, só para vocês entenderem. Ela é privada, como eu disse, sem fins econômicos. Fazemos o balanço e o publicamos desde 1998, publicamos mensalmente balancete no *site*. Temos a ouvidoria no *site*, temos auditoria externa independente, temos as finanças equilibradas, sem dívidas, temos a missão de liderar o processo de desenvolvimento e disseminação do voleibol. Lembro que nós temos 27 federações filiadas, com as quais nos trabalhamos, em conjunto, no voleibol brasileiro.

Não podemos nos esquecer dos clubes. O João pode falar disso, porque os dois clubes do Sul, por exemplo, são clubes formadores de atletas de voleibol, tanto a Sogipa — Sociedade de Ginástica de Ginástica Porto Alegre, quanto o Grêmio Náutico União. Desculpem-me se eu estou esquecendo algum, mas esses são os dois que formam bastante. Temos o Minas Tênis Clube, temos o Esporte Clube Pinheiros, temos o Club Athletico Paulistano, clubes que são parte do voleibol brasileiro, que sempre vão abastecendo as nossas seleções.

Os nossos valores são: comprometimento, planejamento, organização, postura profissional e eficácia. A nossa visão é: ser referência mundial como modelo de gestão. Isso faz parte do nosso planejamento para 2014-2020, que nós fizemos com a ajuda da Fundação Getúlio Vargas. Chegamos, juntamente com a Fundação Getúlio Vargas, a este desenho, em que eu estou como Diretor Executivo. Esse é o desenho da estrutura de trabalho da CBV, desenhado junto com a nossa assembleia e por ela aprovado, já mostrado ao banco, aos nossos patrocinadores.



Temos o mapa estratégico 2014-2020. Eu vou citar um dado dele, que eu acabei de falar: consolidar o vôlei de praia — por isso trouxemos o Fúlvio —; estar no pódio em todas as competições nacionais — vocês vão ver que nós procuramos estar nele; aumentar o valor da marca. Então nós estamos tomando uma série de atitudes: instituir solução sistêmica de controle interno. Trouxemos a Ernest & Young para ser a nossa responsável por GRC, que é Governança, Riscos e Compliance. Ela está lá trabalhando, cobrando, não deixando que escape, em nenhum momento, o controle interno das nossas finanças, das nossas despesas, tudo com uma transparência incrível. Estamos fazendo, então, todo esse trabalho de gestão.

Eu falo do nosso orgulho, a excelência em treinamento — o Vanderlei e o Marco Aurélio têm em Teresópolis o centro de treinamento de futebol. A apenas 1h30min do Rio, em uma área de 108 mil metros quadrados, nós temos o nosso centro de treinamento, que é o nosso orgulho, que dá enorme condição de treinamento não só às seleções adultas, mas também às seleções de base. Isso faz com que nós possamos ter mais resultados. Essa a nossa casa, há hospedagem, há alimentação de primeiro mundo.

Eu adoro ir lá, ver como as coisas funcionam. Temos a praia em frente e uma lagoa atrás, temos piscina para treinamento, temos alojamentos, temos sala de musculação, temos banheiras. Há até um campo de futebol que existe lá, vamos ter que tirá-lo para construir um novo ginásio. Os jogadores brincam muito no campo de futebol. Oferecemos o ginásio e a sala de musculação, oferecemos divertimento para eles, oferecemos tratamento fisioterápico de primeira linha, tudo de primeira linha. Agora, trocamos nosso parque de esteiras e de bicicletas, e gastamos mais de 100 mil reais na renovação do nosso parque de equipamentos para trabalho aeróbico. Na musculação vamos investir um pouquinho a mais depois.

Antes que o Fulvio fale um pouco, mostro nossas principais conquistas. Temos muitas medalhas, e isso faz parte, sim, de um trabalho que não é só nosso. Ele vem de muito tempo, de planejamento e de organização, o que tem que ser valorizado. As seleções adultas masculinas são bicampeãs olímpicas, nove vezes campeãs da Liga Mundial, tricampeãs mundiais, fora todos os resultados para trás, que sempre levamos em consideração. A seleção feminina é bicampeã olímpica e nove vezes campeã do Grand Prix.



Estamos agora fazendo o projeto de um museu olímpico, o projeto de pós-carreira de atletas e técnicos de voleibol. São projetos que estão dentro da nossa casa. Para o museu do voleibol, estamos recuperando as peças, estamos achando as peças.

As seleções de base são muito importantes para nós. Com elas, temos obtido resultados incríveis. Este foi o ano dos mundiais. Claro que nem sempre vamos ganhar, mas estamos sempre entre os três ou quatro primeiros. Quando há um ou outro acidente, ficamos em quinto a oitavo lugar. Mas, no geral, o Brasil está fazendo pódio nas competições de base. Este ano, ganhamos um dos campeonatos mundiais. Isso é importante demais para dar ao Bernardinho e ao José Roberto os atletas de que eles precisam. Então, eu vou mostrar os resultados das seleções de base de quadra, mas não vou falar de cada um deles. Esses são os resultados que temos.

Vou deixar o Fulvio falar depois das seleções de praia. Este ano, fomos muito bem. Já fomos campeões olímpicos e vice-campeões olímpicos no passado, mas 2015, especialmente, foi um ano de sucesso. As seleções de base de praia também tiveram resultados importantes. Com apoio do Banco do Brasil, temos várias etapas sub-19 e sub-21 realizadas no Brasil, o que ajuda a base do vôlei de praia. Esses garotos vão jogar depois e conseguir os resultados.

Fecho a exposição com o nosso planejamento, que vocês já viram.

Temos um projeto de responsabilidade social incrível, que é o VivaVôlei, com mais de 60 núcleos onde investimos na responsabilidade social. Esse é um projeto antigo da CBV, que vem trabalhando com as crianças no Brasil e ajudando as federações. O programa já está em 15 Estados brasileiros, com 200 mil crianças atendidas. Trata-se de um projeto bem bacana em que usamos um pouco da força do voleibol para ajudar na questão de responsabilidade social. A CBV produz materiais especiais, quadras poliesportivas.

Já falei da preparação olímpica, dos períodos em que vamos treinar, portanto não vou repetir isso. Quero só lembrar que já sabemos onde as fases vão acontecer. O time brasileiro masculino joga aqui, de 17 a 19. Depois, vai para a Sérvia, depois joga na França, e joga a fase final no Irã. Já estamos discutindo se as mulheres vão poder assistir aos jogos no Irã. Esse aspecto não é nosso, mas da Federação



Internacional. Depois, temos o Grand Prix, com o uso do esporte para fazer as aberturas. O time brasileiro joga no Brasil, depois em Macau, depois na Turquia, e a fase final, na Tailândia, antes que paremos tudo e venhamos treinar.

Lembro que o COB também nos dá um auxílio para o custeio de grande parte das viagens internacionais dos treinadores, para acompanhar os campeonatos internacionais — é dinheiro que vem do COB —, além da presença de um médico para atender as equipes presentes no Centro de Desenvolvimento de Voleibol, CDV. Nós contamos com um médico de cada delegação, mas também com um médico do COB.

No calendário integrado consta cada período em que vamos treinar. Vamos realmente treinar no nosso centro em Saquarema, onde temos as melhores condições. Já está tudo programado para isso.

Agora passo a bola para o Fulvio falar um pouquinho — desculpem-me ser acelerado — do vôlei de praia, da nossa preparação olímpica.

O SR. FULVIO DANILAS - Obrigado, Baka.

Obrigado, Deputado João Derly, pelo convite para falar um pouco do vôlei de praia.

Bom dia a todos. Inicialmente, eu queria falar um pouquinho sobre esse esporte, sobre essa modalidade do vôlei que é relativamente recente. O vôlei de praia começou a se tornar um esporte competitivo na década de 1970, nos Estados Unidos, mais especificamente no Estado da Califórnia, onde se organizaram competições. A partir de 1987, quando foi organizado no Brasil o 1º Campeonato Mundial de Vôlei de Praia, ele passou a ter uma abrangência internacional em termos de competição. O 1º Campeonato Mundial ocorreu na Praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, e foi organizado pela Koch Tavares, como o Ricardo já mencionou, e também pela Confederação Brasileira de Vôlei e a Federação Internacional. O vôlei de praia já era praticado no Brasil como lazer, mas a partir dessa data ele passou a se organizar competitivamente.

O Brasil tem muita tradição no vôlei de praia internacional. O vôlei de praia brasileiro conquistou medalhas em todas as edições. Primeiramente, o País foi fundamental para que a modalidade se tornasse olímpica. Em 1993, organizamos o Campeonato Mundial na Praia de Copacabana, com a presença do então Presidente



do Comitê Olímpico Internacional e de membros do Comitê Executivo do Comitê Olímpico Internacional, que no final daquele ano votaram, então, para que a modalidade vôlei de praia fosse incluída no programa dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. A primeira competição, então, foi realizada. Nossas atletas tiveram um desempenho fantástico, conquistando ouro e prata na Olimpíada de Atlanta, em 1996. Inclusive, a primeira medalha de ouro feminina do Brasil foi conquistada nessa competição.

Em todas as outras competições olímpicas o Brasil conquistou medalhas e, claro, essa é a expectativa para 2016 também. Para isso, estamos trabalhando bastante. A CBV, em outras épocas, já utilizou um modelo de seleção brasileira de vôlei de praia, mas não foi muito bem sucedida. Para estes Jogos Olímpicos, decidimos, a partir do início de 2015, usar um modelo em que as equipes trabalham com suas próprias comissões técnicas. Convocamos seis duplas, criamos os critérios de classificação olímpica e tivemos os resultados com as duplas brasileiras que foram liderando a corrida olímpica brasileira, que foram convocadas no dia 16 de setembro de 2015. Então, anunciamos as duplas olímpicas brasileiras: no feminino, a primeira dupla é formada por Larissa, que representa a Federação do Pará, e Talita, por Alagoas; a segunda dupla do Brasil é Ágatha, do Paraná, e Bárbara, do Rio de Janeiro; no masculino, a primeira dupla é Bruno, do Distrito Federal, e Alison, do Espírito Santo; e a segunda dupla, Pedro e Evandro, ambos do Rio de Janeiro.

Há ainda duas duplas reservas, que serão inscritas também nos Jogos Olímpicos, que serão convocadas em caso de necessidade, como uma contusão ou outras coisas que esperamos que não aconteçam. Elas estarão muito bem preparadas e terão todo suporte da CBV para os Jogos Olímpicos. As duplas reservas do Brasil são: Maria Elisa, do Rio de Janeiro, e Juliana, do Ceará; e Ricardo, da Bahia, e Emanuel, do Paraná.

Eu posso dizer que esse modelo que adotamos para o ano de 2015 teve um resultado excepcional. O Brasil sempre teve tradição no vôlei de praia, vencendo campeonatos mundiais e também recebendo medalhas em jogos olímpicos, mas esse ano tivemos um desempenho realmente extraordinário. Nós nos sagramos campeões e vice-campeões no Circuito Mundial, e nos sagramos campeões



mundiais no Campeonato Mundial, que foi realizado na Holanda este ano. No feminino, dominamos completamente o pódio, com primeiro, segundo e terceiro lugares no Campeonato Mundial. No masculino, conseguimos o primeiro e o terceiro lugares.

Recentemente, no mês de setembro e início de outubro, foram realizadas as finais do Circuito Mundial, onde estiveram apenas as oito melhores duplas do Circuito Mundial, mais duas duplas convidadas. Mais uma vez, o Brasil dominou, conseguindo o primeiro lugar e terceiro lugar em ambos os naipes, no masculino e no feminino. Então isso nos dá muita confiança para o trabalho que está sendo realizado, para ser bem sucedido para os Jogos Olímpicos, e vamos dar continuidade a ele. Diferentemente do que acontece no vôlei de quadra, no vôlei *indoor*, a principal forma de preparar os atletas é competir. Nós temos ali o calendário internacional. A preparação das equipes estará concentrada na participação em competições internacionais, que é a melhor maneira de preparar os atletas para a competição mais importante, que serão os Jogos Olímpicos em 2016. Então, ali nós temos nos meses de janeiro a agosto, quando será realizada a competição olímpica, com vários torneios internacionais. A CBV inclusive decidiu fazer um esforço e trazer mais competições internacionais para o Brasil. A exemplo do que já foi citado aqui no basquete e no futebol, é uma maneira também de os nossos atletas participarem de competições internacionais aqui no Brasil, contando com o apoio da torcida. Então, o primeiro torneio, no final do mês de janeiro, vai ser realizado em Vitória, no Espírito Santo. Todos os que estão na cor verde são da categoria Open, do circuito mundial. Então, o primeiro torneio será o Open de Vitória, no final de janeiro. No final de fevereiro teremos o Open de Maceió, com competições que contarão com a participação dos melhores times do mundo. Em março teremos um Grand Slam, que já é uma categoria superior, com maior premiação, maior pontuação no *ranking* do circuito mundial. Esse será realizado, então, no Rio de Janeiro, de 8 a 13 de março. Depois, no mês de abril, inicia-se uma série de competições em vários países que também fazem parte do circuito mundial. Em verde serão torneios Open. Teremos competições no Qatar, somente masculino. Depois, em amarelo é o circuito brasileiro, que também é muito importante para a preparação das nossas equipes. São competições de altíssimo nível, porque o Brasil



tem muitas equipes de bom nível. Então, participar do campeonato do circuito brasileiro também dá muita condição para os nossos atletas ganharem mais experiência, inclusive para participar do circuito mundial. Então, no mês de março teremos uma etapa do circuito brasileiro em Natal, que será seguida por novas etapas do circuito mundial, no meio de abril, na China, em Fuzhou. O circuito mundial, em Fortaleza, será a última etapa realizada aqui no Brasil, no ano de 2016, a etapa Open, no final do mês de abril, terminando no domingo, 1º de maio — as finais. Depois, seguindo no mês de maio, temos mais uma etapa do circuito brasileiro. Será realizado o Super Praia, para o qual as melhores equipes, apenas, são convidadas. Há mais algumas etapas do circuito mundial. Temos etapas em vários países, tanto na categoria Open, quanto na categoria Grand Slam. Os vermelhos são os Grand Slam, os que estão em azul mais escuro são as etapas (*ininteligível*).

Eu digo isso porque este calendário aqui ainda é provisório, mas hoje será divulgado pela Federação Internacional o calendário definitivo para o ano de 2016. Nós já tivemos várias reuniões com as comissões técnicas e jogadores que foram convocados e estamos em conjunto fazendo o planejamento. O planejamento vai se concentrar principalmente na participação nesses campeonatos do circuito mundial e circuito brasileiro, que serão confirmados hoje. Nós vamos definir, em conjunto com as equipes, quais serão exatamente os torneios dos quais as equipes vão participar. Daremos todo o suporte às equipes, a exemplo do que fizemos em 2015. A CBV cobre todas as despesas das equipes para participarem do circuito mundial, incluindo passagens aéreas, acomodação, hospedagem e alimentação. A exemplo do que fizemos em 2015, daremos todo o apoio a essas seis equipes — as quatro titulares mais as duas reservas — na participação delas no circuito mundial.

Aqui nós temos, então, em termos de treinamento, basicamente, há vários locais em que as equipes vão estar realizando seus treinamentos. Nós temos o Centro de Desenvolvimento de Voleibol, o CDV, em Saquarema, no Rio de Janeiro, como o Ricardo já mencionou. Esse centro tem todas as condições, atende perfeitamente ao treinamento das equipes. Lá nós temos as quadras de vôlei de areia e todos os equipamentos para fazer análise e avaliação física dos atletas. Eles têm acompanhamento profissional dos nossos profissionais da área médica e



também da área de fisioterapia. Os atletas também poderão realizar treinamentos nos seus locais próprios. No Rio de Janeiro, treinam as equipes Ágatha e Bárbara e Pedro e Evandro; em Fortaleza, Larissa e Talita; e, no Espírito Santo, Bruno e Alison.

Então, a partir da convocação, em 16 de setembro, até a data de 24 de junho, nós temos esses dois locais de treinamento: o CDV, em Saquarema, e os locais próprios de treinamento.

A partir de 24 de junho, além dos dois locais já mencionados para treinamento das equipes, em conjunto com o COB, será disponibilizada também a Escola de Educação Física do Exército, na Urca, local mais próximo de onde será realizada a competição de vôlei de praia, que será na Praia de Copacabana. As equipes poderão inclusive se hospedar, através desse convênio com o COB, na própria Praia de Copacabana, muito próximo do local da competição.

E, a partir de 24 de julho, quando abre a Vila Olímpica, também estarão disponíveis os locais de treinamento específicos para cada modalidade. No caso do vôlei de praia, as quadras e o estádio serão montados na Praia de Copacabana e estarão disponíveis para treinamento.

Resumindo, as equipes participarão das competições internacionais e também do circuito brasileiro e poderão fazer seus treinamentos nos seus próprios locais, em Saquarema e também na Escola de Educação Física do Exército, na Urca, e na Praia de Copacabana, a partir de julho, quando esses locais estarão disponíveis para treinamentos.

Também para a preparação, nós contamos com o apoio do COB, que dá suporte em toda a avaliação física, como em exames, na recuperação muscular, no monitoramento de indicadores sanguíneos, cardíacos e físicos. Todos esses exames são realizados em convênio com o COB, que também disponibiliza psicólogos para dar apoio à preparação dos atletas.

Também temos o apoio do Ministério do Esporte. Os atletas olímpicos recebem o Bolsa Atleta Pódio, como já foi mencionado aqui anteriormente, que também é disponível para muitas outras modalidades. Essa é uma ajuda de custo mensal aos atletas. O recurso vem diretamente do Ministério do Esporte para os atletas.



Pendente ainda de aprovação do Ministério do Esporte, nós estamos aguardando a aprovação do Plano Brasil Medalhas, que disponibilizaria recursos para cobrir as despesas de passagens aéreas, de acomodação e de alimentação das equipes, inclusive das comissões técnicas, para participação nas competições internacionais.

No ano de 2015, isso foi custeado basicamente pela CBV, sendo que cerca de 20% foi em convênio com o COB. Esperamos que, em 2016, nós possamos contar com esses recursos para inclusive ampliar a preparação dos atletas.

(Não identificado) - Fazendo um adendo ao que o Fulvio disse, o custo é enorme, porque tem os atletas, os dois técnicos e o fisioterapeuta. Quando a viagem é mais longa, pagamos também para ele ir. Portanto, há toda uma estrutura por trás. Além disso, nessa etapa, nós mandamos uma equipe para filmar todas as competições e o *off* dos jogadores, para depois contar a história olímpica. Isso vai ficar como história nossa também. É investimento nosso.

Outra coisa que o Fulvio não falou, lá em Saquarema, nós fizemos a renovação das quadras de vôlei de areia para o treinamento olímpico. E agora isso vai ser mais aperfeiçoado. Nós vamos entrar nos detalhes, junto com as comissões técnicas, para colocar a estrutura de Saquarema no mesmo modelo que vamos encontrar na Praia de Copacabana. Na verdade, a distribuição da quadra é de acordo com o sol, com as placas de publicidade em volta, para que o atleta se sinta realmente como se estivesse jogando na praia de Copacabana. Vamos simular para eles. Vamos dar também as melhores condições. Isso tudo são investimentos que vamos fazer.

O SR. FULVIO DANILAS - Exato, para essa preparação olímpica, construímos mais duas quadras de vôlei de areia lá em Saquarema. Então, temos o total de 6 quadras, que podem ser, inclusive, ampliadas para 8 quadras, para atender todas as nossas equipes olímpicas. Elas podem ficar em Saquarema sempre que desejarem, é só fazer a reserva. Elas serão atendidas de forma integral na sua preparação olímpica.

O SR. RICARDO TRADE - Quero só fazer um convite ao Deputado, também ao Marco Aurélio e ao nosso amigo do basquete. No dia que vocês quiserem, Vanderlei, Marco Aurélio, Deputado João Derly e membros que estão participando,



visitem-nos lá, marquem conosco. É bacana, vocês vão gostar. Só não podem deixar de comer lá, porque a comida é fora de série também, mas é perigoso porque engorda. Então, no dia que vocês quiserem, visitem-nos. Vale a pena como modelo.

Nós copiamos, não fomos nós, de novo, não estou aqui jogando confete na gestão do momento, isso vem já de bastante tempo; é sensacional. Quem não foi, tem que ir.

Só isso para finalizar. Nós queremos o seguinte — nós conversamos com o Renan e com o Franco, através de mim e do Fulvio aqui — as melhores condições para eles ganharem. Isso nós vamos dar.

Agora, não é fácil para eles. Eu sei. O jogo é jogado, como diz lá em Minas, e o lambari é pescado. Nós vamos trabalhar para dar a eles a melhor condição para que eles possam ganhar. É disso que nós viemos aqui falar um pouco.

Tenho certeza que com o nosso investimento, o investimento do Governo, o investimento do COB, todos unidos, traremos mais resultados para o Brasil. Que isso se perenize!

Temos as bases também sendo atendidas, participando dos campeonatos. Nós temos o Campeonato Brasileiro de Seleções, é impressionante! Esse seria um modelo para vocês irem lá ver os garotos. São 8 equipes na fase final, sempre lá. Nós pagamos a passagem aérea; eles descem no Rio; os levamos de van; lá eles têm comida de primeira; toda uma assistência; filmamos e passamos pela Internet esses campeonatos de base, o que é bacana também.

Só para finalizar e dizer da nossa preparação olímpica, esperamos colher as 6 medalhas que nós queremos, claro que não são todas de ouro, porque não é possível. Que consigamos repetir o pódio do Mundial de Vôlei de Praia, primeiro e segundo, quem sabe, e ganhar o naipes masculino e feminino no vôlei de quadra. É isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Fúlvio, Ricardo. O Marco está em cima do horário. Acho que temos uns 10 minutos, 5 minutos.

Nós vamos abrir para perguntas da plateia. Alguém deseja fazer alguma pergunta? Antes, só uma pergunta, depois abrimos para os outros convidados.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Aproveito para cumprimentar vocês do vôlei pelo trabalho brilhante. Levem o meu abraço ao Renan, meu companheiro de



Florianópolis, quando estava no Figueirense. Trabalhamos juntos, meu querido amigo, irmão gêmeo, que sempre me atendeu bem lá. Ele é especial. Dificilmente um ex-atleta é tão especial quanto o Renan. Eu acho que ele faz muito bem a função dele.

O SR. DANIEL - Bom dia a todos. Obrigado Deputado João Derly pela oportunidade. O meu nome é Daniel, sou repórter do *Portal UOL* aqui em Brasília.

O Vanderlei, eu já o conheço de coberturas de Olimpíadas; já tive a oportunidade de entrevistar o Fulvio; o Marco Aurélio, eu o conheci em Toronto, durante o Pan; o Baca estou conhecendo agora, pessoalmente.

Primeiro eu gostaria de fazer uma pergunta para o Marco Aurélio, que está de saída, a respeito da participação do futebol feminino no Plano Brasil Medalhas.

Nós vimos, nos últimos 25 anos, que a CBF nunca precisou e nunca foi atrás de dinheiro público, mas para o futebol feminino sim.

Queria saber se existe algum entendimento para que sejam incluídas essas meninas no Plano Brasil Medalhas, e por que a necessidade do investimento público no futebol feminino? A CBF não teria condições de fazer isso particularmente?

O SR. MARCO AURELIO CUNHA - Não há investimento público.

O SR. DANIEL - Mas a CAIXA não investe, também?

O SR. MARCO AURELIO CUNHA - Não, desculpa. A CAIXA investe no Flamengo, no Corinthians, isso é dinheiro público, no Corinthians?

O SR. DANIEL - Não deixa de ser.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - A Caixa faz um campeonato, é um patrocínio, assim como a Chevrolet faz o Brasileirão. É um banco. Evidentemente, dá um apoio excepcional ao futebol feminino. A Caixa não patrocina a CBF, a Caixa patrocina o futebol feminino. Ela está colaborando com todas as equipes que disputam o campeonato feminino. Ela é a patrocinadora de um evento, não é a patrocinadora da CBF. Tanto é que nós temos um patrocínio à CBF feito por outro banco, não pela Caixa.

Então, ela, importantemente, ajuda a todos do futebol feminino, patrocinando um bom campeonato. É apenas isso. Não há nenhuma ingerência em relação à gestão do futebol feminino na CBF.

O SR. DANIEL - E em relação ao Plano Brasil Medalhas?



O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Com relação ao Plano Brasil Medalhas, eu acho que a CBF faz o seu papel montando uma equipe competitiva, buscando enaltecer o futebol feminino.

Inclusive, nós tivemos essa relação com o COB em Toronto, e foi excelente. Eu não quero, em nenhum momento, fazer restrições, ao contrário. Eu quero me aproximar cada vez mais do COB, inclusive na questão científica. O modelo científico que o COB propõe a seus atletas — eu fui visitar lá em Toronto — é excepcional.

Não tem que haver divergências. Devemos estar sempre convergindo na questão de poder dar o resultado a todos. O resultado não é da CBF, o resultado é do País, é do COB, é das meninas especialmente. As campeãs são as meninas. E nós queremos, sim, contribuir da melhor forma possível.

Não há divergência, não há nenhum litígio. Queremos sempre estar nos aproximando como colaboradores e vice-versa. Não vejo divergência. Se houve um dia, não há mais.

O SR. DANIEL - Eu vou terminar as perguntas em relação ao futebol.

A respeito do futebol masculino, nós vimos casos que não deram certo, como o do treinador da Seleção principal, que acumulou o cargo como treinador da Seleção olímpica.

Não é muito arriscado repetirmos essa fórmula no Brasil?

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Eu acho que o risco está em cada jogo.

No jogo passado, com a Venezuela, Dunga estava sob risco, segundo a mídia, o jornal, os comentários.

O futebol vive sempre no risco, sempre no limiar do fio da navalha. Eu acho que, pelo contrário, deveria ser dado a ele o mérito da coragem de se expor e colocar o seu cargo, eventualmente, em risco por conta de uma seleção olímpica.

O Brasil tem chance de ganhar uma medalha? Sempre! Mas eu acho que esse trabalho integra a Seleção principal. Todos nós falamos de renovação, queremos jogadores envolvidos com a Seleção, com a nossa alma brasileira. Evidentemente eles vão para o exterior cada vez mais cedo, fruto de uma lei que não consegue manter os nossos jogadores. Se não mudarmos a legislação para a



base, e os pequenos investidores puderem tirar proveito do seu trabalho de formação, nós estamos destruindo a formação do futebol brasileiro.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Os clubes formadores têm que ter proteção. Não é possível que um agente chegue lá e escolha o melhor jogador, leve-o embora, sendo que aquele menino foi trabalhado durante 3 anos, 4 anos por um clube formador pequeno. Obviamente vale para o grande também.

Essa questão da formação tira o menino cedo do País, tira da realidade brasileira, tira do nosso convívio, e o torcedor não se identifica com ele.

Se o Dunga fizer esse trabalho, como ele quer, e os jogos forem no Brasil, talvez possa haver mais identidade.

É um risco? Sempre é um risco. O treinador da Seleção Brasileiro não pode poupar o risco. Se ele o fizer, estará sendo covarde. Eu acho que ele deve ser enaltecido por essa coragem e não criticado pelo risco.

O SR. DANIEL - Da minha parte, com relação ao futebol, estou satisfeito.

Eu tenho perguntas para o basquete e para o vôlei.

O SR. MARCO AURÉLIO CUNHA - Eu peço licença para sair.

Queria agradecer-lhe extremamente, Deputado João — permita-me chamá-lo assim, porque no esporte não há rótulo. Agradeço a todos.

Apreendi muito com o vôlei. Ricardo, você foi brilhante na sua exposição. Agradeço a Fulvio e a Vanderlei. Nós sempre aprendemos.

Eu espero que, com a CBF profissional e não política, possa ser melhor do que vocês imaginam. Lá há grandes funcionários, grandes pessoas, volto a repetir.

Agradecemos por estar aqui e nos expor, porque a exposição, realmente, é o nosso dever.

Obrigado. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Eu até tinha algumas perguntas a fazer a Marco, mas vamos ter outras oportunidades. *(Risos.)*

Concedo a palavra ao Sr. Daniel, para fazer perguntas.

O SR. DANIEL - Eu teria várias perguntas aos dois, mas eu vou resumir aqui a minha participação.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Acho que temos uma meia hora de tempo ainda.

O SR. DANIEL - Acho que os senhores têm um evento no Palácio, não é isso, Sr. Presidente?

Conversando com o Vanderlei, eu gostaria que você explicasse um pouquinho melhor a questão do Nenê. O contrato dele com o Washington irá se encerrar. Se não me engano foram 4 anos e irá se encerrar agora. Os senhores já estão conversando com o agente dele para isso ser resolvido antes da Olimpíada?

O SR. RICARDO TRADE - Foi um exemplo, porque aqui no Brasil o que passa na mídia é porque o atleta não quer vir ou porque ele não é patriota. Estou dando um exemplo do Nenê: ele está no término de contrato e, às vezes, por algum motivo, nas vezes anteriores, o atleta não se apresentou, foi isso que quis dizer. A gente vem monitorando. A gente conversa com eles semanalmente. Quando não é com o atleta é com a pessoa responsável por ele, na maioria das vezes, com o agente ou com a pessoa que convive mais próximo a eles, para a gente tentar minimizar o máximo isso para este ano olímpico.

Citei um exemplo, o Nenê estará um ano sem contrato. Com certeza, isso é uma situação que teremos de ficar alertas, ligados, conversando para que não haja problema na convocação ou na preparação olímpica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Foi mais um exemplo, é para os senhores entenderem que há muitas situações do menino que está na NBA e, em razão de determinada situação, ele não se apresentou por algum motivo, não é porque está brigado com a Confederação ou porque ele não gosta de jogar pelo Brasil. Há uma série de situações que a gente tem de monitorar.

O SR. DANIEL - Como é que V.Exa. poderia explicar melhor isso, seguro e até o contrato? Desculpe-me pela ignorância.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O seguro da NBA é simples. O jogador que joga na Europa o seguro é feito com uma empresa italiana, porque esse seguro não existe no Brasil. O seguro do contrato de salário não existe no Brasil. O pessoal que joga na Europa a gente faz com uma empresa italiana. Todos os meninos que jogam na NBA são segurados. Quando você faz uma convocação, a NBA divide o valor do seguro pelo tempo que ele estará conosco e aquele valor já



vem no (*ininteligível*) da NBA para nós. Não é nem do clube, vem da NBA, que faz a gestão desse seguro para nós. O valor chega e é muito simples de fazer.

O SR. DANIEL - Quais seriam esses valores?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Variam muito, por causa do valor do contrato. O seguro pode variar de 3 mil dólares, 4 mil dólares a 25 mil dólares.

O SR. DANIEL - Deputado, gostaria de saber se posso fazer todas as perguntas para depois ele responder?

A gente sempre teve muita dificuldade, de Sidney para cá, de se classificar para os jogos olímpicos, principalmente no masculino. Os jogos serão em casa no ano que vem e, mais uma vez, a gente teve muita dificuldade em confirmar essa vaga. Gostaria de saber qual foi a motivação para que a gente tivesse tanto problema a fim de confirmássemos esse time e nós não tivéssemos que passar pelo pré-olímpico, que foi agora. A respeito da estatal, vocês estão conversando? Existe alguma estatal que está conversando com a CBB? Existe algum acordo? Vocês estão conversando com o Ministério, com a Casa Civil, com a Presidência da República? Como será feito, vocês poderão chegar em 2016 sem nenhum apoio de estatal?

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - Vamos pelo final. Quanto a essa situação com a estatal, eu sou o diretor técnico. Eu, realmente, não participo dessas situações dentro da CBB. Isso fica com o diretor executivo, com o presidente. É óbvio que a gente não tem essa parceria. Como estatal, ela está afetando diretamente o departamento técnico. Infelizmente, não sei como estão essas tratativas. Isso é com o presidente e com o diretor executivo. A outra pergunta, qual é?

O SR. DANIEL - É sobre a dificuldade de garantir vaga nos jogos olímpicos.

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - A vaga estava ligada ao pagamento à FIBA pelo convite ao mundial. Ela, em nenhum momento, teve relação com o pré-olímpico. A gente já sabia que o pré-olímpico de 2015, para o Brasil, não era classificatório. O Brasil já estaria classificado, desde que pagasse o convite ao mundial para a FIBA. A questão era o pagamento para a FIBA. Quando chegaram ao acordo com a FIBA, a vaga saiu. Em nenhum momento do planejamento, tanto



da seleção masculina quanto feminina — isso foi feito no final de 2014 — , o que eu falei para a Comissão Técnica foi que eles fizessem um planejamento com a garantia da vaga. A vaga não estaria no pré-olímpico, como nunca esteve. Diferente do que foi falado na mídia, mesmo se não tivesse chegado ao acerto com a FIBA, a vaga não estaria na quadra.

Por isso, foi uma seleção jovem. A gente usou 2015 para aumentar esse leque de atletas para termos uma quantidade maior de atletas selecionáveis para o ano que vem.

O SR. DANIEL - Esse pagamento à FIBA foi feito com recursos de qual fonte?

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - Eu não sei. Felizmente, cuido do departamento técnico. Fico responsável pela área técnica, com o presidente, com o diretor executivo. Eu realmente não sei como se chegou a esse acordo. A gente não tinha dúvida de que se iria se chegar ao acordo com a FIBA. Em nenhum momento, como diretor técnico, eu imaginei que o Brasil não iria jogar a Olimpíada.

O SR. DANIEL - Ao pessoal do vôlei, Deputado, primeiro gostaria de saber como é que está a relação com o Banco do Brasil, depois do furacão que passou pela CBV no ano passado, com a devassa com a Controladoria Geral da União com comprovação de corrupção e até a suspensão, por duas vezes, do patrocínio da parceria de mais de 20 anos entre Banco do Brasil e CBV. Nesse ano, ela voltou a ser suspensa por parte do Banco do Brasil, devido ao não cumprimento, segundo o Banco, de algumas medidas. Gostaria de saber quais foram essas medidas?

O SR. RICARDO TRADE - As informações que você fez são suas, não minhas, mas, de qualquer maneira...

O SR. DANIEL - São da CGU. A Controladoria Geral da União comprovou em dois relatórios.

O SR. RICARDO TRADE - Só queria te dizer que a relação está excelente. Nós estamos trabalhando muito bem. Não houve paralisação contrato. Houve suspensão de pagamento.

O SR. DANIEL - Exatamente o que eu falei.

O SR. RICARDO TRADE - Não foi paralisação de contrato. Já está resolvido. Estamos trabalhando em conjunto, de vento em popa, próximos do banco,



trabalhando com tudo que é necessário e que foi solicitado. Tem funcionado muito bem.

O SR. DANIEL - Que percentual desse patrocínio, que é no valor de 250 milhões de reais, até 2017. Aproximadamente, seriam 17 milhões por ano. Qual o percentual que foi para a Lei de Incentivo e qual o percentual que sai como patrocínio direto?

O SR. RICARDO TRADE - Na verdade, eu não tenho esse controle. Nós temos em torno de 70 milhões/ano. Uma parte deles em incentivos. É com isso que nós trabalhamos. Claro que a CBV tem ainda outros patrocinadores que aportam outro valor para nós chegarmos a um orçamento em torno de 95 milhões de reais por ano.

O SR. DANIEL - Gostaria de saber como está a relação com a Federação Internacional. O Brasil foi diretamente prejudicado por estar ausente, pela primeira vez, o país sede dos jogos olímpicos, pelo menos que a gente tem notícia nos últimos 3 ou 4 ciclos olímpicos, o País sede foi excluído da Copa do Mundo, que daria vaga aos jogos olímpicos. Tendo um brasileiro como Presidente e que foi alvo das investigações da Controladoria Geral da União, gostaria de saber como está a relação da Confederação Brasileira, se vocês tentaram reverter essa situação de ter ficado ausente da Copa do Mundo e até que ponto isso prejudica a preparação para os jogos olímpicos.

O SR. RICARDO TRADE - A relação que o nosso Presidente pediu para estabelecer, porque é ele que pede, ele é o Presidente da Confederação, é o melhor possível, nós temos duas instituições que têm de trabalhar em conjunto e trabalham em conjunto excelentemente. Um bom indicativo disso foi que nós trouxemos este ano a Liga Mundial, em julho, para jogar no Maracanãzinho, a pedido da Comissão Técnica.

Tentamos, sim, reverter a Copa do Mundo. Mas foi um pedido das federações, que não tinham a vaga garantida. Como o Brasil já tinha, eles queriam que não participássemos, nós tentamos, sim, mas não foi possível. Nós acreditamos que isso não tem atrapalhado a nossa preparação, até porque nós temos outras competições das quais participamos. Mandamos as equipes lá para fora e damos toda a estrutura para eles. Temos ainda, como você viu aqui na nossa



apresentação, cerca de 14 jogos no ano que vem, e a maioria deles são oficiais. Esse é o lado mais bacana do projeto. Quer dizer, pode-se ter, no ano anterior, competições oficiais antes das Olimpíadas. Pode-se jogar uma etapa no Brasil com três jogos e mais três etapas lá fora com mais três jogos. Em cada uma delas há 12 jogos e mais 2 amistosos contra a Argentina, lá na Argentina. Nós vamos ter uma série de 14 jogos, sendo 12 deles oficiais. Isso para nós traz um ganho bem bacana na preparação. Nós estamos focados na preparação.

O SR. DANIEL - Foi bom você ter tocado no assunto dos jogos, da preparação. Esta parte eu gostaria de ter visto ali na tela. Pelo que eu entendi, os atletas vão ter pouquíssimo tempo de férias. A falta de tempo já é uma queixa antiga dos atletas, talvez não seja uma queixa, porque os atletas do vôlei são sempre muito ponderados, são atletas até mais politizados — poderia dizer — e evitam as críticas, a não ser que haja casos de corrupção, como aconteceu.

O SR. RICARDO TRADE - Eu não sei. Você teria que perguntar para os atletas.

O SR. DANIEL - A minha dúvida é a seguinte. Você falou rapidamente um pouco do calendário de 2015 e de 2016. Gostaria que o repassasse, porque, pelo que eu entendi, acaba a Superliga, já vem convocação, já vem treinamento e os atletas têm uma semana de folga. Logo em seguida, acabam as Olimpíadas e começa a Superliga para atender aos interesses dos clubes. Qual vai ser o período de folga dos atletas nesse período de 2015 e de 2016?

O SR. RICARDO TRADE - Eu não tenho certeza absoluta de como será depois das Olimpíadas, porque isso ainda vai ser discutido. Foi combinado que, 10 dias antes do final da Superliga, nós vamos discutir o calendário da Superliga do ano seguinte. Ninguém vai trazer a extensão para beneficiar os clubes. Ela é clara, foi combinada, mas, em nenhum momento, os atletas estão fora dessa participação. Nós temos lá o Comitê de Apoio ao Conselho Diretor, que é formado por atletas, e eles estão participando de todas as nossas decisões, inclusive na reunião da superliga eles já participaram da decisão junto com um dos jogadores que participa.

Para se ter uma ideia, Deputado João Derly, a comissão foi bacana também, por exemplo, na premiação do vôlei de quadra em que nós temos que dar prêmio aos jogadores. Isso é fácil, porque é dividido por todo o mundo e acabou. Há um



conceito lá e tudo mais. No vôlei de praia, há uma decisão a ser feita: qual o percentual se paga à comissão técnica e ao jogador. Esta própria comissão também já participou da decisão de como fazer esse pagamento. Então, é bacana porque agora nós temos uma comissão formada por dois atletas de vôlei de quadra, dois de vôlei de praia, dois técnicos — um de vôlei de quadra e um de vôlei de praia também lá dentro — que estão podendo opinar em todos os assuntos. Então, quanto a esse assunto de calendário, com certeza, eles vão participar. Eu sei que há uma convocação prévia. As equipes que são eliminadas antes das semifinais da Superliga vão ter um descanso, e os jogadores que participam das equipes finalistas vão ter um outro descanso, mas, com certeza, isso está contemplado no planejamento, tanto do Bernardinho, quanto das equipes. Isso foi combinado com eles. Eu não sei exatamente qual é o número de dias, mas eles estão contemplados e, com certeza, nenhum time e nenhuma comissão técnica... Eu não estou falando nem da Confederação, porque isso não é uma decisão mais nossa, é muito mais das comissões técnicas — leia-se a equipe do Bernardinho e do Zé Roberto, 2 campeões olímpicos, não só 1 campeonato olímpico, mas mais do que 1 campeonato olímpico, 9 ligas mundiais. Eles foram campeões mundiais recentemente em vários campeonatos, não iam fazer nenhum tipo de loucura e não fazem pelo caráter e pela competência que demonstram nos resultados. Então, com certeza, está sendo equilibrado.

O SR. DANIEL - Eu tenho mais duas últimas perguntas, Deputado João Derly. V.Exa. me permite?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Quero só esclarecer uma dúvida. Eu acho muito legal o trabalho que a CBV faz de inserir os ídolos, aqueles atletas que têm destaque, na promoção da modalidade em diversos lugares. Os recursos dos embaixadores vêm do patrocínio do Banco do Brasil e como funciona esse procedimento?

O SR. RICARDO TRADE - Vêm, mas não passam por nós. O projeto de embaixadores do vôlei com o Banco do Brasil não passa por nós, é diretamente do Banco do Brasil com o atleta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - É direto com o atleta?



O SR. RICARDO TRADE - Direto com o atleta, não passa em nenhum momento por nós. Nós temos de novo cada vez mais... diretamente do banco com os atletas.

O SR. DANIEL- Direto com o atleta?

O SR. RICARDO TRADE - Direto com o atleta. Não passa em nenhum momento por nós.

Nós temos, de novo, cada vez mais isto como um dos pedidos do Presidente Toroca: trazer os atletas para dentro. Então, essa Comissão que nós fizemos já é um avanço enorme, mas, mais do que isso, por exemplo, semana que vem, no final de outubro, nós vamos fazer para os nossos 87 funcionários da sede Rio uma semana da ética. Nessa semana da ética, na semana inteira, vai haver palestras sobre ética no esporte, código de conduta dos funcionários, vamos ter o Bernardinho falando, e nós convidamos vários atletas para participar na quarta-feira de um debate bem bacana sobre ética, lá dentro para os funcionários, um evento fechado, mas também para mostrar aos funcionários a importância disso. Nós vamos trazer a Ana Richa, a Adriana Samuel, o Nalbert, a Adriana Behar e o Marcus Vinícius do COB, todos ex-atletas de nível olímpico e mundial, que vão estar lá para falar um pouco de ética também. Então, trazer os atletas para dentro, João Derly, é um pedido do nosso presidente. Nós estamos cada vez mais fazendo isso.

Com isso, fizemos o projeto de pós-carreira. Estamos em um acordo com a DBM, que é uma empresa LHH *Lee Hecht*, no Brasil, que está fazendo um projeto de pós-carreira que é bem bacana também. O presidente aprovou esse projeto, no qual estamos ainda como piloto. A Fofão e o Emanuel estão sendo beneficiados desse projeto de pós-carreira. Estamos fazendo com o Cajá, o técnico do vôlei de praia, com técnicos de vôlei de praia, com o Toaldo, técnico de vôlei de quadra. Vamos fazer também com dois árbitros. Eu não tenho o nome deles aqui, mas também estamos fazendo.

Estamos nos preocupando um pouquinho em iniciar esse processo de pós-carreira para que possamos dar amparo às pessoas que param no voleibol. Acho que esse é um ponto bacana também que estamos implementando.

O SR. DANIEL - Bom, as duas últimas: o Bacci queria saber se você não deveria ter passado por uma quarentena; você saiu do Ministério do Esporte, foi



para uma entidade que recebe dinheiro público e é mantida também, em parte, por dinheiro público. Eu não digo nem o patrocínio do Banco do Brasil, mas digo sobre convênios. A Confederação recebeu mais de 40 milhões nos últimos anos de convênios do Ministério do Esporte. Deveria ter passado por uma quarentena antes de assumir esse cargo na Confederação?

O SR. RICARDO TRADE - Acho que, talvez, no meu caso, eu fiquei muito pouco tempo no Ministério. Então, assim, nem conheci as pessoas direito. Eu até sinto muito, porque ali era uma coisa em que eu queria estar. Talvez o Vanderlei possa opinar aí um pouquinho sobre o meu papel lá. Eu não fiz voleibol, eu fiz esporte, ele sabe disso.

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI JR. - Gostaria que tivesse permanecido.

O SR. RICARDO TRADE - Não, eu estava realmente olhando como um todo. Eu estava emocionado em poder fazer algo pelo esporte, porque o esporte fez por mim, desde atleta de handebol, buscou-me no meu colégio, deu-me assistência. Eu fui para a Romênia com o DED-MEC, que é o Departamento de Educação Física e Desportos, do Ministério da Educação e Cultura. Àquela época não existia o Ministério do Esporte. Fui lá para fora. Fiz estágio na Romênia. Preparei-me; depois, fui trabalhar com o Nuzman, já no voleibol. Trabalhei com o Fulvio na Koch Tavares. Aí toda essa minha bagagem que fui pegando. O Nuzmam lá na frente talvez tenha sido um dos meus grandes incentivadores, no sentido de: *“Larga a quadra — porque eu era preparador físico, era técnico —, vem ser gestor. Técnico eu tenho muitos. Eu preciso de mais gestores.”* Ele me puxou para esse lado, e eu agradeço muito, porque é onde eu estou hoje.

Então, entrei no Ministério, fiquei muito pouco tempo. Fiquei lá no máximo 40 dias. Na verdade, oficialmente, acho que nem isso. Nem me lembro aqui, porque, oficialmente, com registro...

O SR. DANIEL - Acho que foi de fevereiro a março. Em abril você foi para...

O SR. RICARDO TRADE - É. Aí não tive esse problema. Saí, e foi um acordo do Ministro, que foi muito bacana comigo, excelente. Desde que eu entrei, ele me chamou: *“Preciso de você”*. Quando eu saí, o Presidente Toroca conversou com ele, e eu fui cedido ao voleibol. A minha vida tem sido pautada pela ética. Eu vou trabalhar em cima disso o tempo inteiro. Então, não vejo nenhum conflito, porque eu



saí já trabalhando para o voleibol, que era a minha casa. Sentia-me ali chegando a minha casa. Eu tinha ido participar de muitas competições internacionais, campeonatos mundiais, jogos olímpicos pelo voleibol. Então, para mim, foi uma alegria muito grande voltar para a minha “casa”. Apesar de eu sempre estar dizendo aqui, falei para eles antes no bate papo anterior, que eu acho que a minha casa é o esporte. Esse é um ponto importante.

Vamos ajudar todos os esportes. Vamos fazer o Brasil ganhar em todos os esportes. Estou falando isso de coração. Talvez você não me conheça, mas companheiros seus lá já me conhecem e sabem que eu sou assim até na forma de me expressar.

O SR. DANIEL - Acompanho já a sua trajetória.

O SR. RICARDO TRADE - Acho que essa é a forma que tem que ter. Dá para fazer as coisas muito bem. A Confederação tem uma estrutura maravilhosa. Hoje, nós somos 87, mais 40 em Saquarema. Nós temos muitos funcionários lá, principalmente no dia a dia, manutenção, hotelaria, alimentação. Nós somos uma empresa de pequeno porte, que é bacana de gerir, que traz resultados para o nosso esporte. Então, não vejo problema.

O SR. VANDERLEI MAZZUCINI - Mostra uma completa consciência tranquila do que fez. Estava com a consciência tranquila por não ter nenhum tipo de problema, Daniel. Acho que é muito mais isso do que outra coisa.

O SR. DANIEL - Eu só estou perguntando. Não estou acusando.

O SR. VANDERLEI MAZZUCINI - Não tenho nenhum relacionamento íntimo com o Baka, não tenho por que defender. Nós nos conhecemos hoje. Só tínhamos nos falado por telefone, mas ele realmente é um cara do esporte. Mesmo sem ele saber, eu me espelho nele. Nós, que somos da quadra, a tendência é ser técnico ou assistente, o que é mais gostoso. Essa outra parte é mais difícil. É uma pessoa na qual me espelho pelo que escuto no meio.

O SR. DANIEL - São perguntas. Não há acusação. A afirmação que eu fiz foi baseada nos relatórios da CGU sobre o contrato com o Banco do Brasil.

Para terminar, depois dessas perguntas um pouco áridas, eu queria, Baka, que você explicasse um pouquinho essa questão do filme, desse documentário de que você falou. Eu achei muito interessante e queria saber um pouquinho mais.



Como vai funcionar? Vai ser só praia? Vai ser com a quadra? Uma equipe que vai acompanhar?

O SR. RICARDO TRADE - Na verdade, foi muito bacana. Vocês viram o filme sobre voleibol que lançaram? O filme sobre voleibol que foi lançado não foi nosso, não tinha nada a ver conosco, mas eu me apaixonei quando me foi apresentado pela Helena, produtora do filme. Ela me trouxe a história que conta um pouco das conquistas do vôlei masculino e do feminino. O filme é *Ouro, suor e lágrimas*. Eu recomendo que vocês assistam. É um documentário fantástico que nos faz chorar em alguns momentos. Ele fala do dia a dia do atleta. O filme não trata só de voleibol, fala do atleta, de como foi o esforço, mostra os atletas em Saquarema e um pouco do lado pessoal deles. Aquilo me deixou muito feliz. O Presidente Toroca tem uma expressão muito bacana quando gosta do assunto, eu perguntei: "*Toroca, você acha que podemos apoiar esse projeto?*" Ele falou assim: "*Na hora!*" Quando ele fala isso é porque ele aprovou sem ressalvas. Então, nós apoiamos, já no final, o projeto do filme.

Em algum momento, em conversas com a própria Rede Globo, estávamos sentindo falta de acervo de imagens. Por exemplo, há o Nalbert que foi campeão em todas as categorias de base, chegou às categorias de cima, e não temos a história dele contada, não temos o registro. Temos uma ideia do que queremos fazer, mas é claro que isso depende orçamento. E, nesta semana, por incrível que pareça, tivemos o exercício de orçamento finalizado para 2015, a revisão de 2015, e o início do processo de revisão do orçamento para 2016, o que está sendo feito com a Ernst Young, contratada para esse fim. O COB colocou uma pessoa para nos ajudar, porque eles fazem bem orçamento. Depois disso, precisamos começar a cortar algumas coisas. O foco foi nada que toque na preparação olímpica. Mas há alguma coisa ou outra que pode ser cortada, como algumas viagens. Mas não afetamos os atletas em momento algum.

A ideia é contar essa história. Para acompanhar o vôlei de praia, iniciamos o projeto. Não deu para fazer ainda com as categorias de base nesses mundiais. A nossa ideia é sempre acompanhar alguém nosso, criando imagens e *releases*, para mandar aos órgãos de imprensa no Brasil. Isso é bacana. Vou contar um caso específico. De manhã, acontecia o mundial da Holanda, o pessoal gravava uma



entrevista com a Ágatha e com a Bárbara, que jogaram de manhã, e mandava para o Fulvio e o Falcão, nosso gerente de imprensa, para aprovarem. Nós aprovávamos o conceito. Era um vídeo de 30, 40 segundos e divulgávamos: “Assistam às 5 horas da tarde no SporTV.”

Não estou falando de só contar história, estou falando também de promover o esporte e fazer com que o fã possa acompanhar isso. Fazemos isso também através do Facebook, das redes sociais, o que é um mecanismo legal. Estamos implementando isso devagarinho, mas tudo depende de recurso. Não é fácil fazer isso, porque é preciso mandar uma equipe de três pessoas para fora, para filmar, há custo de equipamento, de hospedagem. Há um custo, mas queremos fazer em tudo.

Para te responder, queremos fazer nas categorias de base do voleibol de quadra, das categorias adultas e no voleibol de praia, como já fizemos. São dois intuitos: divulgar mais os eventos, a participação dos nossos atletas e contar um pouco do “off” deles, para ficar para a história.

Então, quando a Larissa e a Talita ganharam, lá em Moscou, elas deram entrevistas na Praça Vermelha; quando a Ágata e a Bárbara ganharam, lá na Noruega, elas mergulharam em um lago gelado. Portanto, queremos contar essas histórias, para termos esses registros.

Na nossa opinião, em alguns momentos a gente tem uma história bacana — e eu vim de outros esportes —, mas às vezes a história recente que se perde, porque o dinheiro que a gente recebe — e isso é claro, na área técnica temos que ter isso — é muito voltado para investimento no treino, para que a gente possa ganhar medalhas, fomentar o esporte e fazer as categorias de base, mas, às vezes, não temos o olhar voltado para o registro histórico.

Então, queremos também contar a história e promover o esporte. Esse é o intuito. Queremos fazer isso para todas as áreas. Acho que é um projeto bacana.

Seria um acervo.

O SR. FULVIO DANILAS - Acho que, sobre o que o Trade está dizendo, também é muito importante para o público entender como é a vida do atleta. Por exemplo, as nossas equipes de vôlei de praia passaram 6 semanas jogando na Europa, inclusive tiveram que se deslocar para o continente americano, para os Estados Unidos, e voltar. E aí se pensa: “Passaram 6 semanas viajando pelo



mundo. Que maravilhoso!". Mas, na verdade, as equipes ficaram por 6 semanas jogando e viajando. O torneio termina no domingo, as equipes pegam um avião no domingo à noite ou na segunda-feira para o próximo torneio. Enfim, é tudo muito desgastante, pois as viagens são longas.

Então, contar essa história é importante para o público entender como é a vida do atleta. Não é uma vida de *glamour*, de hotel cinco estrelas. Não é bem assim. É muito sacrifício, pois o atleta fica longe da família por muito tempo, treina, convive com a dor, enfim, são coisas inerentes aos atletas.

O Vanderlei conhece bem isso também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Encerrou, Daniel. Mais alguém quer falar? (*Pausa.*)

O Daniel acabou monopolizando todas as perguntas. Mas deixei o pessoal falar antes, senão seria sempre eu a fazer as perguntas.

Sobre Saquarema, eu estive treinando lá também — acho que em 2005, ano em que fui campeão mundial. É sensacional o lugar. O único problema era o refeitório, porque eu tinha que comer praticamente com os braços para o alto, porque tudo é adaptado para os jogadores de vôlei, que são muito altos. (*Risos.*)

Eu tinha dificuldade para sentar-me à mesa, assim como para usar a cama, o chuveiro, a maca da fisioterapia. (*Risos.*) O meu fisioterapeuta estava sofrendo, eu tive que usar um banquinho para poder...

Mas foi divertido. Os baixinhos, como é o meu caso — infelizmente, faço parte desse grupo —, saíam do treino correndo, para tomar banho e comer. E, como havia uma mesa menor, era uma briga para pegar aquela mesa menor.

O SR. RICARDO TRADE - Mas a comida era boa?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Maravilhosa. É um belo centro de treinamento. E foi muito importante para mim, pois naquele ano fui campeão mundial. Houve uma preparação junto com equipes estrangeiras, o que me deu base para fazermos parte da seletiva. Na época eu tive que passar pelas seletivas, fiz muitas lutas durante o processo, o que me deu uma base muito boa. Afora que ali perto tem mar, piscina, enfim, tudo para também podermos descansar.



Eu gostaria de ouvir um pouco sobre o campeonato brasileiro de base, sobre como ele funciona. A nossa preparação é sempre pensando em legado. No ano que vem teremos Jogos Olímpicos e seria importante falarmos sobre o trabalho...

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI- Provavelmente, será mais ou menos no formato do vôlei. Temos seleções estaduais no sub-15 e no sub-17. Recentemente tivemos um evento em Poços de Caldas, onde todos os Estados e suas seleções masculinas e femininas foram reunidas, com tudo pago pela Confederação — passagem aérea, alimentação, hospedagem, arbitragem, clínicas realizadas nesse período.

Todas as seleções se reúnem e são agrupadas em divisões — primeira, segunda e terceira divisão. E daí a gente já começa a monitorar os atletas para as nossas seleções.

Então, é um evento muito bacana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Como é a seletiva?

O SR. RICARDO TRADE - As seletivas são feitas a partir das seleções estaduais. Os Estados montam suas seleções, e há o agrupamento por divisões. Então, todos os anos sobem dois times da terceira divisão para segunda e caem dois da segunda para a terceira, assim também da primeira para a segunda, e vice-versa.

Então, são seleções estaduais sub-15 e sub-17. Temos duas competições no calendário. Este ano foi feita a competição de sub-17 em Curitiba, e a de sub-15 foi feita na semana passada em Poços de Caldas.

Reunimos ali mais de seiscentos atletas. Isso é importante para a gente, tanto que, por maiores que sejam as nossas dificuldades financeiras, não mexemos com esses eventos, por se tratar de encontros essenciais para começarmos a monitorar os nossos atletas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Bom, não vou mais tomar o tempo de nossos convidados. Temos ainda algumas perguntas, mas vamos ter outras oportunidades. Com calma, no ano que vem, vamos continuar tratando do assunto. Manteremos a Subcomissão, provavelmente. Vamos ouvir também os clubes. Queremos chamar as entidades que convivem dia a dia com os atletas. Claro que há diferenças entre as modalidades. Por exemplo, no futebol feminino



haverá uma concentração; no handebol percebemos que todas as atletas selecionadas foram jogar no mesmo time, como estratégia de entrosamento para a competição. Então, cada modalidade tem sua estratégia.

Gostaríamos de ouvir os clubes, principalmente sobre os atletas de esportes individuais, porque é o clube que vive o dia a dia com os treinadores, com sua equipe multidisciplinar, encontrando-se nos eventos, representando o País.

Então, acho que ainda teremos a oportunidade de ouvi-los novamente.

Gostaríamos de ficar com o material das apresentações, até porque estão nele os nomes dos atletas. Foram apresentações bem completas e pudemos saber o nome de cada um dos potenciais integrantes das seleções.

Finalizo os debates e passo a palavra aos expositores para fazerem suas considerações finais.

O SR. RICARDO TRADE - Posso começar, então.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Sim. O microfone está ligado

O SR. RICARDO TRADE - Apenas quero agradecer a você, João, que é um exemplo para nós de atleta vencedor. Acho isso importante.

Eu não sabia, mas o nosso amigo Vanderlei também foi atleta, assim como eu fui atleta da seleção brasileira de handebol e, inclusive, o Fúlvio foi meu atleta de voleibol. Fui técnico dele na Transbrasil. Ele já era atleta no exterior, mas esteve no Paulistano e em vários clubes em São Paulo. E eu também fui técnico dele.

Portanto, é bacana ver uma mesa composta por quatro ex-atletas debatendo e falando sobre esporte. Acho esse é um ponto importante. Devemos cada vez mais trazer atletas para a discussão.

Vanderlei, vou fazer a você o convite que o Nuzman me fez. Sei que você é contratado como diretor técnico, mas precisamos cada vez mais de profissionais na área de gestão, pois isso tem feito a diferença. Falei hoje sobre a Superliga e o trabalho que queremos desenvolver.

É um prazer estar aqui. É importante mostrarmos para a sociedade, sim, como disse o Marco Aurélio Cunha, o trabalho que fazemos e sermos transparentes.

Em nosso *site*, se vocês o acessarem agora, tem tudo o que vocês imaginarem sobre a CBV. Há o *link* institucional, sobre compras acima de 50 mil, intenção de compra, contratos, enfim, tudo está publicado. Há lá um ouvidor que faz



um trabalho bacana — não é, Fúlvio? A gente está se apaixonando pelo trabalho dele. Há propostas dele sobre as quais nunca havíamos pensado. E não custa nada ouvir. Mas a gente não tinha esse canal aberto.

Contem com a gente. Não só porque há uma parte de nosso orçamento que a CBF não tem, que é a que vem de dinheiro público. Uma parte do nosso orçamento vem de dinheiro público. Mas não é isso, pois acho que é dever nosso, de quem está gerenciando o esporte, poder dividir as informações com a sociedade, porque o esporte é uma coisa importante para o nosso País.

Obrigado pelo convite, em nome do Presidente Toroca.

O SR. FULVIO DANILAS - Quero só agradecer o convite e dizer que estamos à disposição, Deputado, sempre que necessário estaremos aqui para esclarecer quaisquer dúvidas.

Obrigado.

O SR. VANDERLEI MAZZUCHINI - Quero parabenizar o Deputado João Derly pela iniciativa superimportante. Com todas as dificuldades, vamos fazer uma Olimpíada na qual a gente consiga não só as medalhas, de que todo mundo fala, mas realmente criar ou tentar criar uma situação melhor para o esporte, uma política esportiva que realmente consiga visualizar o esporte de uma maneira diferente da que é vista hoje no Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado aos nossos convidados — Fúlvio, Ricardo, Marco e Vanderlei — pela presença.

Ontem estive conversando com o Ministro, pois na Copa do Mundo de Futebol tivemos uma preocupação com a execução do evento, assim como temos com os Jogos Olímpicos. Mas temos igual preocupação com os nossos atletas, ou seja, de dar a eles condições. Esse é o nosso intuito, qual seja o de aprofundar as discussões e saber a realidade de cada um.

Agradeço a todos a disposição de gastarem algum tempo conosco e nos ensinando um pouco mais sobre como funcionam as confederações.

Antes de encerrar os trabalhos, quero agradecer a presença a todos.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos, convocando os Srs. Parlamentares para a próxima reunião deliberativa ordinária, a ser realizada no dia 21 de outubro, às 14h, no Plenário 4.

Está encerrada esta audiência pública.

Muito obrigado.